



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
5º LEVANTAMENTO



Fevereiro 2026

volume 13

NÚMERO

5

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), João Figueiredo Ruas (Gerpa – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
5º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 5 quinto levantamento, fevereiro 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
31	ARROZ
44	FEIJÃO
66	MILHO
86	SOJA
103	TRIGO
106	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
111	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A pesquisa, realizada na terceira semana de janeiro, estima, para a safra 2025/26, um crescimento de 1,9% na área a ser plantada, em comparação à safra anterior, projetada em 83,3 milhões de hectares. Esse avanço corresponde a um aumento de 1,5 milhão de hectares, com os maiores ganhos observados nas áreas cultivadas com milho e soja.

A estimativa para a produção de grãos no país aponta um crescimento de 0,3%, com o volume projetado em 353,4 milhões de toneladas. No período da pesquisa, as culturas de primeira safra já se encontravam em fase de colheita, com o feijão apresentando 38% da área colhida, a soja, com 7%, o milho, com 9,3%, e o arroz, com 1%.

As culturas de segunda safra encontravam-se em início de plantio, com o milho, principal cultura do grupo, somando 7,2% da área estimada semeada. Já as culturas de inverno, têm o plantio previsto para início de março, enquanto as culturas de terceira safra deverão ser implantadas a partir de meados de abril.

Em comparação com o levantamento do mês anterior, houve um aumento de 0,1% na produção, equivalente a 249 mil toneladas, em decorrência de ajustes na produtividade, principalmente na soja.

A Região Norte/Nordeste, com a produção estimada em 55,9 milhões de toneladas, equivale a 15,8% da produção de grãos do país, enquanto a produção das Regiões Centro-Sul, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, projetada em 297,4 milhões de toneladas, que corresponde a 84,2% da produção nacional. Destaque para a Região Centro-Oeste, principal produtora, com 175,1 milhões de toneladas, o que representa 49,5% do total nacional.

Ressalta-se que os números ainda são preliminares, uma vez que as culturas de primeira safra estão em fase de colheita e dependem das condições climáticas. Além disso, o calendário de plantio das culturas de segunda e terceira safras, assim como das culturas de inverno, segue até julho deste ano.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Produto	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.018,1	(3,2)	2.773	2.673	(3,6)	5.782,8	5.394,4	(6,7)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.018,1	(3,2)	1.954	1.884	(3,6)	4.076,1	3.803,0	(6,7)
AMENDOIM TOTAL	280,4	281,3	0,3	4.136	4.278	3,4	1.159,7	1.203,3	3,8
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,0	0,3	4.202	4.348	3,5	1.147,6	1.191,3	3,8
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.668	0,3	12,1	12,0	(0,8)
ARROZ	1.763,9	1.559,9	(11,6)	7.233	6.997	(3,3)	12.757,7	10.914,6	(14,4)
Arroz sequeiro	394,6	296,0	(25,0)	2.935	2.766	(5,7)	1.158,2	818,8	(29,3)
Arroz irrigado	1.369,3	1.263,9	(7,7)	8.471	7.988	(5,7)	11.599,5	10.095,8	(13,0)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.600,6	(3,4)	1.136	1.141	0,4	3.059,9	2.966,1	(3,1)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	804,7	(11,4)	1.170	1.202	2,8	1.062,7	967,2	(9,0)
Cores	347,3	331,9	(4,4)	1.707	1.802	5,6	592,8	598,1	0,9
Preto	169,0	117,3	(30,6)	1.953	1.701	(12,9)	330,2	199,5	(39,6)
Caupi	392,2	355,5	(9,4)	356	478	34,1	139,7	169,7	21,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.369,0	(2,2)	953	947	(0,6)	1.333,6	1.296,4	(2,8)
Cores	294,6	298,6	1,4	1.499	1.501	0,2	441,6	448,2	1,5
Preto	286,6	253,9	(11,4)	1.616	1.654	2,4	463,2	420,1	(9,3)
Caupi	818,9	816,5	(0,3)	524	524	0,1	428,9	428,0	(0,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.726	1.646	(4,7)	663,7	702,6	5,9
Cores	326,5	361,0	10,6	1.881	1.802	(4,2)	614,2	650,6	5,9
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	608,0	-	657	657	-	399,4	399,4	-
GIRASSOL	61,9	63,8	3,1	1.622	1.607	(1,0)	100,4	102,5	2,1
MAMONA	69,6	76,1	9,3	1.437	1.936	34,7	100,0	147,3	47,3
MILHO TOTAL	21.838,0	22.525,6	3,1	6.464	6.146	(4,9)	141.157,6	138.448,2	(1,9)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.043,7	7,2	6.610	6.603	(0,1)	24.935,8	26.700,3	7,1
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.894,1	2,7	6.496	6.106	(6,0)	113.228,4	109.262,7	(3,5)
Milho 3ª Safra	635,1	587,8	(7,4)	4.714	4.228	(10,3)	2.993,6	2.485,3	(17,0)
SOJA	47.346,1	48.434,4	2,3	3.622	3.675	1,5	171.480,5	177.985,0	3,8
SORGO	1.632,0	1.823,7	11,7	3.739	3.671	(1,8)	6.102,2	6.694,5	9,7
SUBTOTAL	78.378,5	79.991,5	2,1	4.365	4.304	(1,4)	342.100,2	344.255,3	0,6
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	509,0	(6,7)	2.368	2.253	(4,9)	1.292,3	1.146,7	(11,3)
CANOLA	211,9	275,7	30,1	1.627	1.620	(0,4)	344,8	446,5	29,5
CENTEIO	2,1	2,1	-	2.381	2.238	(6,0)	5,0	4,7	(6,0)
CEVADA	139,2	149,9	7,7	4.358	3.898	(10,6)	606,6	584,3	(3,7)
TRIGO	2.445,9	2.318,3	(5,2)	3.219	2.978	(7,5)	7.873,4	6.904,8	(12,3)
TRITICALE	11,4	11,4	-	3.211	2.947	(8,2)	36,6	33,6	(8,2)
SUBTOTAL	3.356,3	3.266,4	(2,7)	3.027	2.792	(7,8)	10.158,7	9.120,6	(10,2)
BRASIL (2)	81.734,8	83.257,9	1,9	4.310	4.244	(1,5)	352.258,9	353.375,9	0,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em fevereiro/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25 (a)	Safra 25/26 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 24/25 (c)	Safra 25/26 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 24/25 (e)	Safra 25/26 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	5.958,4	6.373,4	7,0	3.804	3.747	(1,5)	22.664,3	23.882,6	5,4
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.277,2	2,8	4.369	4.356	(0,3)	5.429,7	5.563,9	2,5
AC	68,7	73,2	6,6	3.082	3.247	5,4	211,7	237,7	12,3
AM	28,6	34,3	19,9	3.024	2.959	(2,2)	86,5	101,5	17,3
AP	14,0	15,7	12,1	2.143	2.255	5,2	30,0	35,4	18,0
PA	2.023,8	2.237,0	10,5	3.480	3.339	(4,0)	7.042,0	7.470,2	6,1
TO	2.408,6	2.554,5	6,1	3.808	3.825	0,5	9.172,1	9.772,2	6,5
NORDESTE	10.041,6	10.295,4	2,5	3.128	3.113	(0,5)	31.411,5	32.049,7	2,0
MA	2.257,6	2.352,5	4,2	3.895	3.742	(3,9)	8.792,4	8.803,3	0,1
PI	1.942,6	1.940,5	(0,1)	3.221	3.315	2,9	6.258,0	6.432,2	2,8
CE	938,7	935,5	(0,3)	379	620	63,4	356,1	579,8	62,8
RN	112,6	107,0	(5,0)	274	392	43,2	30,8	41,9	36,0
PB	224,2	226,1	0,8	388	531	36,8	87,0	120,0	37,9
PE	370,7	368,5	(0,6)	947	930	(1,8)	351,1	342,8	(2,4)
AL	59,3	59,9	1,0	3.578	2.666	(25,5)	212,2	159,7	(24,7)
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	5.967	(11,4)	1.311,9	1.160,5	(11,5)
BA	3.941,2	4.110,9	4,3	3.555	3.505	(1,4)	14.012,0	14.409,5	2,8
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.583,8	2,3	4.882	4.658	(4,6)	179.288,7	175.067,8	(2,4)
MT	22.300,1	22.748,3	2,0	5.040	4.795	(4,9)	112.395,7	109.088,7	(2,9)
MS	6.645,0	6.845,4	3,0	4.303	4.263	(0,9)	28.596,4	29.183,9	2,1
GO	7.593,0	7.803,1	2,8	4.921	4.599	(6,6)	37.365,1	35.883,1	(4,0)
DF	186,4	187,0	0,3	4.997	4.878	(2,4)	931,5	912,1	(2,1)
SUDESTE	6.994,0	7.172,0	2,5	4.311	4.283	(0,7)	30.153,3	30.715,3	1,9
MG	4.298,0	4.398,5	2,3	4.283	4.280	(0,1)	18.408,6	18.826,7	2,3
ES	25,2	25,6	1,6	2.829	2.660	(6,0)	71,3	68,1	(4,5)
RJ	2,8	2,6	(7,1)	3.286	3.423	4,2	9,2	8,9	(3,3)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.302	(1,6)	11.664,2	11.811,6	1,3
SUL	22.016,3	21.833,3	(0,8)	4.031	4.198	4,2	88.741,1	91.660,5	3,3
PR	9.954,9	10.052,9	1,0	4.491	4.457	(0,8)	44.710,3	44.805,4	0,2
SC	1.429,0	1.444,4	1,1	5.690	5.495	(3,4)	8.131,3	7.936,3	(2,4)
RS	10.632,4	10.336,0	(2,8)	3.376	3.765	11,5	35.899,5	38.918,8	8,4
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.668,8	4,2	3.380	3.356	(0,7)	54.075,8	55.932,3	3,4
CENTRO-SUL	65.734,8	66.589,1	1,3	4.536	4.467	(1,5)	298.183,1	297.443,6	(0,2)
BRASIL	81.734,8	83.257,9	1,9	4.310	4.244	(1,5)	352.258,9	353.375,9	0,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em fevereiro/2026.



INTRODUÇÃO

Conab apresenta os resultados do quinto levantamento, da safra 2025/26. Neste levantamento, foram atualizadas as informações sobre as estimativas de área e produção, bem como o progresso da semeadura, o desenvolvimento das lavouras e a colheita das principais culturas.

As principais revisões são justificadas pelas condições climáticas e de mercado. As culturas de primeira safra estão com a semeadura finalizada e avançam no processo de colheita. Nessas lavouras mais adiantadas, os ajustes de produtividade acontecem também pelos resultados obtidos.

Nos cultivos de segunda safra, em início de plantio, as informações de campo indicam que as previsões iniciais de área, baseadas em modelos estatísticos, climáticos e na análise mercadológica do produto, indicavam para aquilo que deve se concretizar em campo, mantendo alinhamento com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, divulgadas em setembro de 2025.

Com a finalização da colheita das culturas de inverno, da temporada 2024/25, a Conab passa a ter as primeiras estimativas para a safra atual, que deve ter a semeadura com início a partir de março.

A Conab reconhece e agradece o papel fundamental dos colaboradores em todas as Unidades da Federação no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitam estimar a safra brasileira de grãos.

Como parte da metodologia da estimativa, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com o auxílio da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor

vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da Companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO

Em janeiro de 2026, acumulados de chuva acima de 150 mm ocorreram nas Regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, favorecendo a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Por outro lado, a porção leste da Região Nordeste, norte de Roraima e oeste do Rio Grande do Sul registraram volumes inferiores a 40 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm e os maiores volumes de chuva concentraram-se na porção sudoeste da região amazônica. Destaque para o sul do Pará e Acre, onde os totais foram superiores a 250 mm. Este cenário contribuiu para elevação dos níveis de umidade do solo. Somente no norte de Roraima, os totais de chuva foram inferiores a 40 mm, reduzindo o armazenamento hídrico do solo nesta área.

Na Região Nordeste, os acumulados de chuva foram inferiores a 120 mm, exceto no sul do Maranhão e sudoeste da Bahia, onde os valores ultrapassaram os 150 mm. No geral, a região do Matopiba encontra-se com

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

níveis de umidade do solo satisfatórios, favorecendo o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra. Na parte leste da região, a situação é inversa, com volumes de chuva inferiores a 50 mm, resultando na manutenção da baixa umidade no solo.

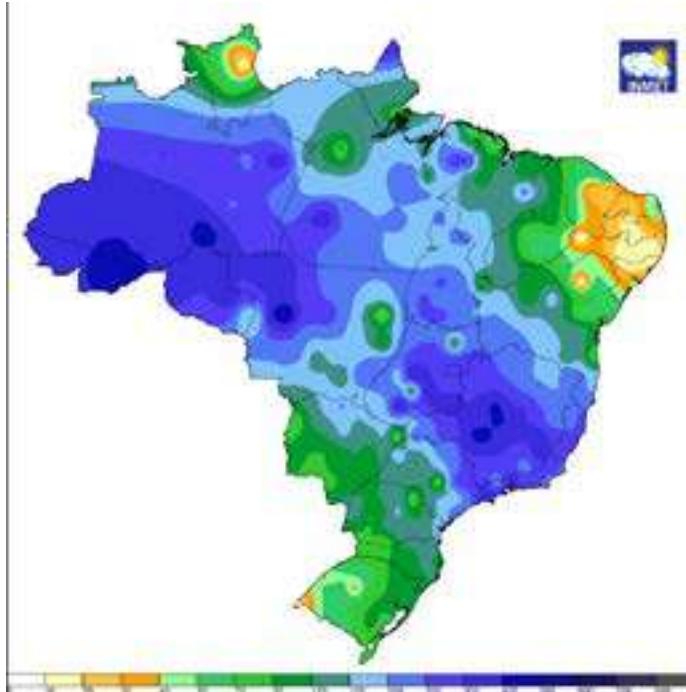
Bons volumes de chuva foram observados na maior parte da Região Centro-Oeste, com valores superiores a 200 mm, exceto em Mato Grosso do Sul, onde os acumulados foram menores. Desta forma, os níveis de umidade do solo encontram-se satisfatórios, beneficiando o desenvolvimento dos cultivos de primeira e segunda safras. Porém, o excesso de umidade limitou o avanço da colheita da soja e do feijão primeira safra em algumas áreas.

Na Região Sudeste, os volumes mensais de chuva foram superiores a 200 mm em grande parte da região. No sul e sudoeste de São Paulo, os acumulados variaram entre 90 mm e 150 mm. No geral, os níveis de umidade do solo foram suficientes para o desenvolvimento das lavouras de grãos.

Em grande parte da Região Sul, os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm, exceto em áreas pontuais da costa leste do Paraná e nordeste do Rio Grande do Sul, onde as chuvas variaram entre 150 mm e 200 mm. De modo geral, esses volumes garantiram níveis satisfatórios de armazenamento de água no solo, favorecendo o manejo e desenvolvimento das lavouras.

Em janeiro, as temperaturas máximas foram acima de 30 °C no Centro-Norte do país. Os maiores valores foram observados no norte da Região Nordeste e oeste de Mato Grosso do Sul. Em áreas da costa da Região Sudeste e da Região Sul, os valores permaneceram entre 24 °C e 28 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 22 °C na maior parte da Região Norte, centro-norte da Região Nordeste, bem como na porção central e oeste da Região Centro-Oeste. No sul de Minas Gerais e centro-leste da Região Sul, as temperaturas foram inferiores a 18 °C.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM JANEIRO DE 2026



Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura a seguir, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 17 e 31 de janeiro de 2026. Nesse período, registraram-se valores entre $-0,5^{\circ}\text{C}$ e -1°C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 160°W e 120°W , indicando uma área de resfriamento das águas mais para oeste do Pacífico Equatorial. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W , verificaram-se valores variando entre -1°C e $-0,8^{\circ}\text{C}$ durante janeiro. Esse comportamento ainda indica um resfriamento da região, porém mais fraco em relação ao mês anterior.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 17 A 31 DE JANEIRO DE 2026

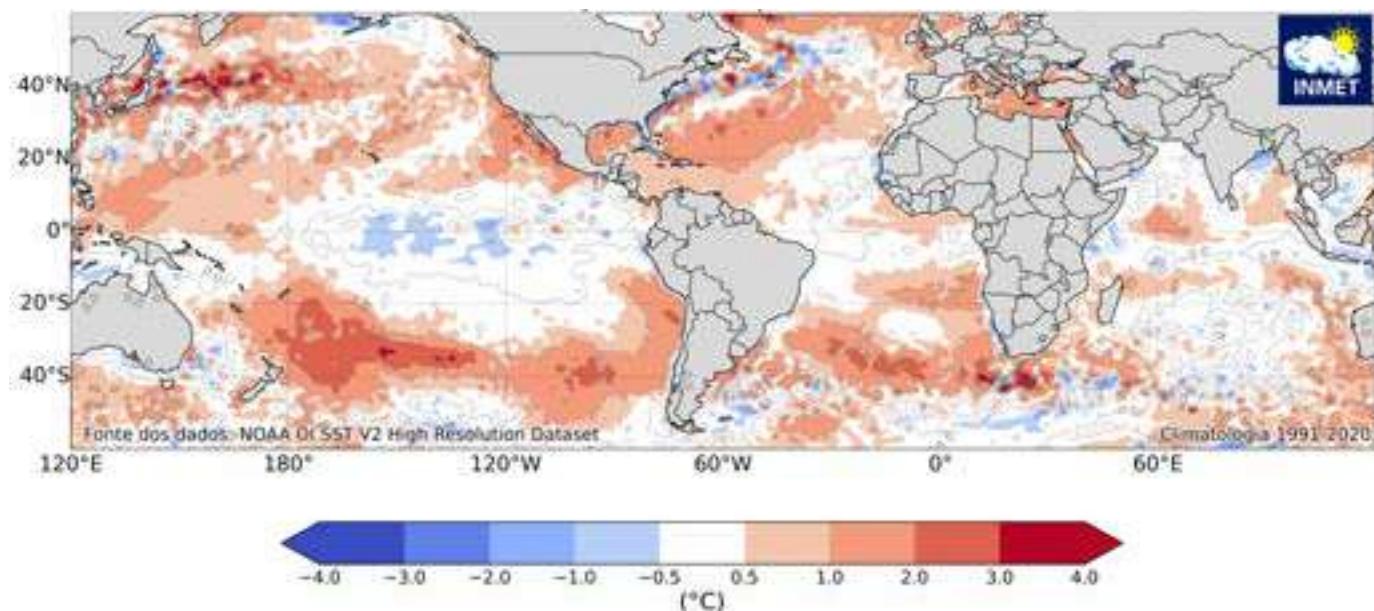
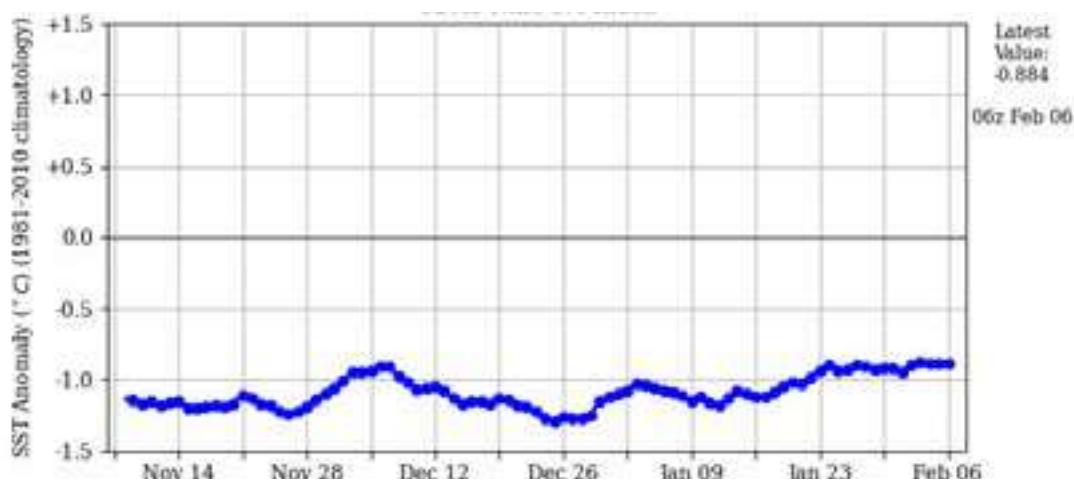
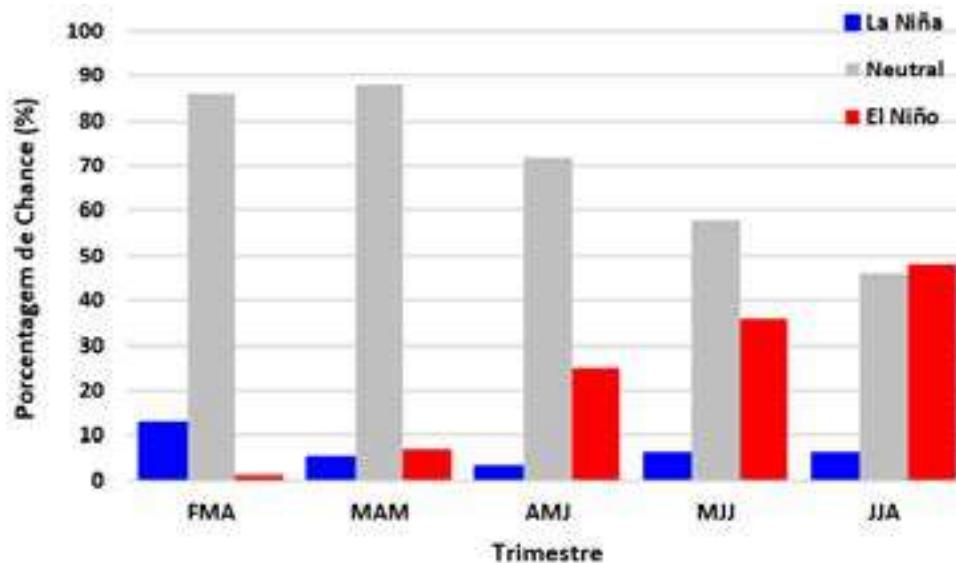


GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



A análise do modelo de previsão do Enos (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a transição das condições de La Niña para a Neutralidade, durante o trimestre fevereiro, março e abril de 2026, com probabilidade de 86%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO FEVEREIRO, MARÇO E ABRIL DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média na maior parte da Região Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, além de áreas do sul da região amazônica. Chuvas abaixo da média são previstas para as Regiões Sul e Norte.

Analizando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média no sul da Região Norte, elevando os níveis de umidade do solo. Nas demais áreas, são previstas chuvas abaixo da média, havendo previsão de baixos níveis de umidade no solo para Roraima.

Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas próximas e acima da média. Este cenário ainda não será suficiente para recuperar os níveis de umidade do solo no centro-leste da região. Porém, em áreas do Maranhão, oeste da

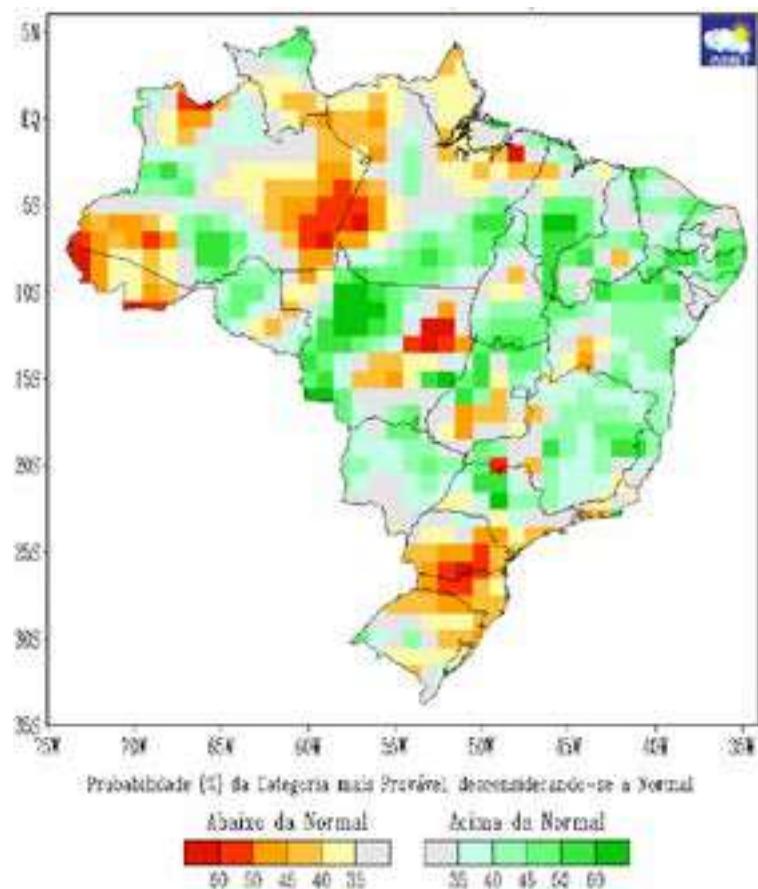
Bahia e do Piauí, as chuvas devem favorecer a elevação do armazenamento de água no solo.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas próximas e acima da média. No leste de Mato Grosso e sul de Goiás, podem ocorrer volumes abaixo da média. No geral, os níveis de umidade do solo se manterão satisfatórios entre fevereiro e março, porém, em abril, pode haver uma redução do armazenamento hídrico em algumas áreas do sul de Mato Grosso, centro-norte de Mato Grosso do Sul, triângulo e norte mineiro, oeste de São Paulo, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média. No oeste do Rio Grande do Sul e norte do Paraná, as chuvas podem ficar próximas e ligeiramente acima da média nos próximos meses. Quanto aos níveis de umidade do solo, devem permanecer satisfatórios, exceto no sudeste e leste do Rio Grande do Sul, onde o armazenamento pode sofrer redução ao longo do trimestre.

Quanto às temperaturas, essas devem permanecer próximas e acima da média histórica em grande parte do país. São previstas temperaturas acima de 25 °C nas Regiões Norte, Nordeste e parte da Região Centro-Oeste. Para Roraima e áreas pontuais da costa leste da Região Nordeste a previsão indica temperaturas acima 28 °C, enquanto que temperaturas mais amenas e abaixo de 22 °C podem ocorrer no centro-leste da Região Sul, áreas mais elevadas da Região Sudeste e Distrito Federal.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO, MARÇO E ABRIL DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do <https://portal.inmet.gov.br>.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.018,1 mil ha

-3,2%

PRODUTIVIDADE

1.884 kg/ha

-3,6%

PRODUÇÃO

3.803,0 mil t

-6,7%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.954	4.076,1
2025/26	Jan./26	2.026,5	3.818,2
	Fev./ 26	2.018,1	3.803,0

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

O quinto levantamento da safra 2025/26 aponta para redução da área cultivada com algodão, especialmente pela conjuntura de mercado da cultura. Algumas áreas devem ter destinação ao cultivo de milho 2ª safra, em razão dessa conjuntura.

A semeadura da segunda safra, principal para o algodão, avança enquanto a colheita da soja acontece. No início de fevereiro, cerca de 88% da área estimada havia sido semeada. No geral, as condições climáticas têm apresentado condições favoráveis para o desenvolvimento da cultura, com chuvas regulares. No início de fevereiro, a maior parte das lavouras implementadas estavam em desenvolvimento vegetativo e formação de maçãs.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as condições climáticas favoreceram a semeadura de segunda safra e o desenvolvimento das lavouras, apesar de chuvas pontuais que retardaram a implantação em algumas áreas. A colheita da soja impulsiona a intensificação do plantio da segunda safra, beneficiada pela boa umidade do solo.

As lavouras da primeira safra seguem em bom estado, enquanto o manejo fitossanitário tem sido reforçado. Contudo, a conjuntura de mercado para o algodão desestimula o cultivo, provocando redução de área, especialmente entre produtores menos estruturados.

Bahia: as temperaturas favoráveis e a regularidade das chuvas garantiram bom desenvolvimento das lavouras. Comparado à última safra, a estimativa da área de sequeiro foi reduzida, enquanto o cultivo irrigado teve expansão, impulsionado pelo menor risco climático. As lavouras seguem

em boas condições. O mercado apresenta redução nos preços, embora a comercialização tenha superado a da safra anterior.

Minas Gerais: houve avanço da semeadura nas áreas irrigadas à medida que a colheita da soja avança. A área irrigada superou a de sequeiro, refletindo maior tecnificação. Ainda que parte dos produtores tenha desistido do cultivo, receosos quanto à janela ideal de plantio, espera-se boa produtividade, com destaque para lavouras sob pivô.

A ocorrência de eventos climáticos, como granizo, contribuiu para a retração na área total, embora o rendimento esperado siga o esperado.

Mato Grosso do Sul: as condições climáticas variaram regionalmente. A primeira safra está semeada e em boas condições, enquanto a segunda safra estava em finalização de plantio durante o levantamento, mas foi concluído no final de janeiro.



Foto 1 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

Piauí: a cultura se desenvolve em período de umidade favorável, garantindo bom desenvolvimento vegetativo. A expectativa é de leve incremento na

área, quando comparada à safra passada. As condições gerais permanecem favoráveis, e o cenário segue promissor para a expansão nas próximas safras, com boas perspectivas de comercialização.



Foto 2 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Maranhão: a primeira safra de algodão teve leve atraso na implantação, mas apresenta bom desenvolvimento vegetativo, com manejo fitossanitário intensificado devido à pressão de pragas vindas das áreas vizinhas de soja.

Houve incremento na área de primeira safra, decorrente da substituição de áreas originalmente destinadas à soja. Por outro lado, a área da segunda safra sofreu retração devido à limitação da janela de plantio, resultando em redução da produção total estadual em relação ao ciclo anterior.

Goiás: a safra principal foi concluída, e a segunda safra segue em implantação, com expectativa de estabilidade da área total cultivada. As lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo, favorecidas pelas chuvas recentes.

Tocantins: janeiro teve chuvas abaixo da média no início, com melhora na segunda metade do mês. As lavouras enfrentaram problemas localizados de encharcamento e doenças, o que levou à redução de área em alguns municípios, com migração para outras culturas.

O algodão encontra-se implantado no sudoeste, com lavouras majoritariamente sob irrigação e bom desenvolvimento. A colheita está prevista para iniciar em maio.

Paraná: a cultura enfrenta desafios climáticos, como o veranico de janeiro, que provocou abortamento de estruturas reprodutivas. Apesar do bom desenvolvimento anterior, a produtividade pode ser comprometida.

Rio Grande do Norte: a cultura do algodão apresenta perspectiva de redução para a safra atual. Essa redução reflete, sobretudo, em ajustes dos produtores diante das condições de mercado e dos riscos climáticos associados ao ciclo produtivo.

A produtividade média, por sua vez, deve permanecer praticamente estável, com leve variação de 1.816 kg/ha para 1.817 kg/ha, indicando manutenção do nível tecnológico empregado nas áreas cultivadas.

Pará: o clima estável favoreceu a implementação da lavoura, que ainda se encontra nas fases iniciais, mas em boas condições de campo.

Paraíba: o cultivo só deve iniciar após a consolidação do período chuvoso, principalmente no sertão do estado. Os agricultores próximos ao litoral trabalham em regime de integração com beneficiadoras de algodão. Os primeiros participam com a área de plantio e a mão de obra, basicamente familiar, enquanto os segundos participam com as sementes, assistência técnica, certificação orgânica e garantia de compra.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
UF	Mesorregiões	Produção*	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
RO	Leste Rondoniense	0,48											
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Conforme o quinto levantamento, da safra 2025/26, a safra brasileira de algodão em pluma deve atingir 3,8 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 6,7% em comparação com a safra recorde de 2024/25, que superou 4 milhões de toneladas. Entre os fatores que contribuíram para a redução na produção, destaca-se a diminuição da área destinada à cultura nos principais produtores, Mato Grosso e Bahia. Essa situação é devido ao baixo preço da pluma e às incertezas políticas e econômicas, principalmente no mercado global. Muitos produtores vêm optando por reduzir a área de algodão e substituí-la por outras culturas. Ademais, há uma previsão de redução na produtividade em virtude de condições climáticas menos favoráveis.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em janeiro de 2026, foram exportadas 316,9 mil toneladas de algodão em pluma, sendo a China o principal comprador, seguida pela Turquia, Bangladesh, Vietnã e Paquistão. Em comparação com janeiro de 2025, quando foram exportadas 415,6 mil toneladas, houve uma redução de 23,8%. Mesmo diante desse início de ano desfavorável, o setor projeta exportar aproximadamente 3,05 milhões de toneladas até o final do ano.

O consumo interno de algodão não deve apresentar uma evolução neste ano, permanecendo estável em relação ao ano anterior, com um volume de 720 mil toneladas. As elevadas taxas de juros têm sido um obstáculo para o incremento da produção. As indústrias de fiação e confecções enfrentam sérias dificuldades para investir em ampliação da produção ou financiar a aquisição de novas máquinas e equipamentos em virtude do alto custo do dinheiro. Dessa forma, as aquisições de pluma pela indústria continuam pontuais e em pequenos volumes, evitando a formação de maiores estoques.

Apesar da redução da produção de algodão, da queda das exportações e do estancamento do consumo interno, projeta-se um crescimento de 1,43% no estoque final em 2026, com um total de 2,77 milhões de tonelada.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1	
2024/25	2.400,1	4.076,1	0,8	6.477,0	720,0	3.026,0	2.731,0	
2025/26	jan/26 fev/26	2.726,2 2.731,0	3.818,2 3.803,0	1,0 1,0	6.545,4 6.535,0	730,0 720,0	3.060,0 3.045,0	2.755,4 2.770,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA
1.559,9 mil ha
-11,6%

PRODUTIVIDADE
6.997 kg/ha
-3,3%

PRODUÇÃO
10.914,6 mil t
-14,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24	1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25	1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26	Jan./26	1.589,0	11.061,4
	Fev./26	1.559,9	10.914,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26, para a produção de arroz, está tecnicamente com a semeadura concluída, com algumas áreas ainda para serem semeadas de acordo com o calendário regional, manejo e/ou clima nas áreas produtoras, inclusive conforme situação mercadológica vigente.

Nas áreas da maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, o plantio já foi concluído, confirmando a estimativa de redução de área em comparação com o ciclo anterior; as lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo,

com algumas áreas já em florescimento e poucas áreas iniciando a fase de enchimento de grãos, enquanto que os mananciais que estavam com os níveis reduzidos, com a ocorrência das últimas chuvas, tiveram recuperação do aporte hídrico para as áreas produtoras do estado.

Há áreas em destaque na realização da operação de colheita, como no Maranhão e Goiás, de forma pontual e escalonada. Nas áreas de Mato Grosso do Sul, a semeadura vai ser concluída somente após a colheita da soja, com o plantio em sucessão.

De uma forma geral, as condições mercadológicas do cereal influenciaram de forma muito expressiva na decisão do plantio. A estimativa mostra uma redução da área de produção, comparada com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.263,9 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa aponta uma área de 296 mil hectares, ainda a ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura do arroz foi finalizada e, ao final de janeiro, 7% das lavouras estavam em enchimento de grãos, 38% em florescimento e 55% nas diversas fases do desenvolvimento vegetativo, com maior concentração nas fases próximas ao florescimento. É esperada rápida evolução da fenologia da cultura para a fase reprodutiva em fevereiro.

As lavouras beneficiam-se com irrigação, e os produtores realizam adubação em cobertura, embora tenha ocorrido menor aporte de recursos em fertilizantes e sementes de qualidade. As lavouras estão em boas condições fitossanitárias e, apesar dos longos períodos sem chuva, os níveis de água

dos rios, mananciais e açudes, são satisfatórios, até o momento, garantindo o abastecimento hídrico da cultura. Foi observado a campo uma grande amplitude térmica, com temperaturas pela manhã inferiores a 18 °C e, à tarde, superiores a 30 °C, o que pode ocasionar a redução no potencial produtivo das plantas, principalmente no período reprodutivo, com diferenciação do primórdio floral (alongamento). Diante deste cenário, as expectativas de produtividade estão mantidas em 8.334 kg/ha, produtividade característica de anos com condições próximas da normalidade.

A área ficou abaixo do estimado no início da semeadura, principalmente devido aos preços praticados no mercado e aos custos de produção, desestimulando o plantio e favorecendo o investimento em outras opções mais rentáveis no momento, como a soja ou a pecuária.

A Conab inicia o monitoramento da conjuntura da cultura meses antes do início da semeadura da safra 2025/26. Naquele período, o preço recebido pelo produtor de arroz já apresentava queda significativa em relação ao praticado para o arroz da safra 2024/25. Outro fator importante considerado na estimativa inicial da Companhia foi o bom volume de águas disponível nas barragens e corpos de água onde é realizada a captação da água da irrigação das lavouras. Nestas condições a estimativa inicial de área cultivada foi de 938,1 mil hectares.

Conforme corre a evolução da semeadura, a Companhia atualiza, mensalmente, as estimativas de área e produtividade, de acordo com a nova realidade da conjuntura da cultura e da condição das lavouras. Assim, constatou-se que os preços continuaram caindo e, em outubro, a média estadual ficou em R\$ 57,88 a saca de 50 quilos.

Com a chegada do período não preferencial para a semeadura, as dificuldades operacionais para a realização da semeadura, decorrentes de condições

meteorológicas, preços considerados não atrativos e as projeções de continuidade da queda de preços, os produtores visualizaram prejuízos no cultivo da cultura, chegando a desmanchar taipas de áreas preparadas, substituindo o cultivo do arroz pela soja. Assim, em novembro, no segundo levantamento da safra 2025/26, a Conab revisou sua estimativa para 919,7 mil hectares.

Diante do encerramento da semeadura, a equipe multidisciplinar da Conab, com base no histórico de preços recebidos pelos produtores ao longo da janela de semeadura, em modelos econométricos e em informações de campo, reavaliou a estimativa de área cultivada e identificou que a área projetada não foi alcançada. A revisão esteve associada à continuidade da redução dos preços recebidos pelo produtor ao longo do período. Em dezembro, o preço médio foi de R\$ 52,52 a saca de 50 quilos, com retração próxima de 50% em 12 meses.

A estimativa de área cultivada no estado é de 905,2 mil hectares, redução de 1,6% ao projetado na última divulgação, e de 3,5% em relação ao projetado inicialmente para a safra 2025/26.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encontra-se predominantemente entre os estádios de florescimento, enchimento de grãos e início de maturação, dependendo da época de semeadura e da região produtora. As condições de clima favoreceram o desenvolvimento fenológico, enquanto o manejo da lâmina de água contribuiu para mitigar eventuais deficit hídricos decorrentes da irregularidade das chuvas e não há registros generalizados da ocorrência de problemas fitossanitários nas lavouras, além disso, tem sido realizado o monitoramento contínuo para brusone e mancha-parda, especialmente em áreas com maior nebulosidade e umidade. Houve a incidência pontual de insetos (como a presença de gorgulho aquático) e caramujos, mas sem impacto significativo em escala estadual, confirmando

uma boa condição geral das lavouras, com elevado vigor vegetativo e bom estande observado nas principais produtoras, no Sul Catarinense e Vale do Itajaí.

Tocantins: nas áreas de produção em Formoso do Araguaia (arroz irrigado), as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, sanidade e aporte hídrico. Nas áreas que abrangem a Lagoa da Confusão os relatos são de pressão por incidência de brusone, e as chuvas estão em menores volumes, aumentando consequentemente os custos operacionais.

No cultivo de arroz de sequeiro, as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, com a cultura em fase vegetativa e já algumas áreas em enchimento de grãos. Há áreas que ainda podem ser semeadas em sucessão à soja, mas noutras o cultivo já foi substituído pelo cultivo do feijão.

Maranhão: o plantio do arroz de sequeiro foi iniciado em dezembro de 2025 e se estende até meados de fevereiro de 2026, alcançando até o momento mais de 80% da área semeada prevista para a atual safra. As lavouras encontram-



Foto 3 - Arroz Irrigado - fase vegetativa - Formoso do Araguaia-TO

Fonte: Conab.

se em emergência e desenvolvimento vegetativo. Nas regiões da Baixada Maranhense, norte do estado, e do Médio Mearim, no centro maranhense, ocorre o cultivo de arroz de sequeiro, com cultivares de arroz irrigado, em área planas que possuem inundação natural por águas das chuvas, que, na atual safra, apresentaram redução de plantio, ocasionada, principalmente, pelos baixos preços do cereal no mercado.

Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, inclusive com substituição pelo cultivo da soja em algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, principalmente para soja e milho, quando utilizam o arroz como cultura pioneira. Além disso, a menor intenção de plantio tem ocorrido devido à dificuldade na comercialização, ao crédito para custeio e ao aumento nos custos de produção, principalmente quando relacionado às pequenas áreas de produção da agricultura familiar.

O plantio de arroz irrigado foi iniciado na última semana de junho e foi finalizado em dezembro de 2025. No entanto, parte considerável da área semeada de Viana e Grajaú teve que passar por replantio, devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes.

Piauí: a semeadura do arroz de sequeiro foi iniciada na região sudoeste do estado em virtude do bom nível de umidade do solo e é predominantemente oriunda da agricultura familiar, já a lavoura no cultivo irrigado, o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução.

Rondônia: as condições climáticas foram de chuvas acima da média e temperaturas elevadas, condições típicas da estação chuvosa na região, o que

também é favorável para a cultura, sendo essenciais para o desenvolvimento das plantas que possui alta exigência hídrica.

As temperaturas permanecem elevadas e predominantemente dentro da faixa considerada ótima para o desenvolvimento das lavouras. Por questões principalmente mercadológicas, a decisão de plantio, ainda na janela ideal, foi influenciada nas expectativas desta safra. Em campo, as lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo, com áreas iniciando a floração e ainda poucas em enchimento de grãos.

Goiás: as áreas cultivadas em tabuleiros já estão com 100% semeadas, restando apenas áreas de pivôs que ocasionalmente ainda podem haver plantios. As áreas semeadas em outubro já estão sendo colhidas. No caso da região noroeste do estado, São Miguel do Araguaia, 25% das áreas foram colhidas, apresentando bons rendimentos. Os estádios fenológicos da cultura estão com 5% em emergência, 15% em desenvolvimento vegetativo, 32% em floração, 16% em enchimento de grãos, 12% em maturação e 20% já colhido.

Há uma previsão que ocorram novas semeaduras em áreas irrigadas em sucessão ao cultivo da soja, porém em virtude dos preços praticados no mercado e caso havendo pouco atrativo, pode não haver o plantio. As lavouras de sequeiro, na maioria, entraram na fase de reprodução, enquanto que algumas áreas irrigadas, tanto tabuleiros como pivôs, tiveram bons rendimentos, mesmo com ocorrência de chuvas na fase de pré-colheita, não prejudicando a qualidade do produto colhido.

Paraná: nas áreas de arroz irrigado na região noroeste do estado, a alta nebulosidade e chuvas frequentes podem prejudicar as lavouras em fase de enchimento de grãos, com a menor oferta de radiação solar, podendo comprometer a taxa fotossintética da cultura, enquanto que a umidade

elevada tem exigido um manejo fitossanitário mais expressivo para conter doenças fúngicas que não encontravam condições favoráveis quando o clima se apresentava mais seco.

A cultura está com 100% da área plantada, encontra-se 87% em floração, 4% em fase de frutificação, 7% em maturação e 2% da área já colhida. A área teve redução, especificamente na região de Umuarama, em virtude de condição comercial desfavorável. Para as áreas de arroz de sequeiro, janeiro de 2026 foi mais favorável ao desenvolvimento das plantas, com chuvas mais frequentes, e a umidade no solo favoreceu o suporte hídrico das lavouras.

Embora a nebulosidade tenha reduzido a incidência solar, a regularização das precipitações em todo o estado foi o fator decisivo para evitar a esterilidade das espiguetas e garantir a viabilidade da produção após o cenário crítico de condições climáticas adversas como apresentou em dezembro, como situação de calor extremo nas áreas de plantio. A cultura está com a semeadura concluída, e, em sua maioria, em fases de floração e enchimento de grãos.

Pará: nas áreas com plantio de arroz de sequeiro, as chuvas ocorreram com mais frequência, favorecendo as lavouras que se encontram principalmente em enchimento de grãos, apesar de haver atraso no início da semeadura diante da irregularidade e dos volumes das precipitações.

Muitas áreas ainda têm plantios preliminares de soja e milho em áreas recém-abertas, com baixo emprego de tecnologia e insumos, mas, no geral, têm apresentado desenvolvimento de bom a regular, com algum atraso no desenvolvimento devido aos veranicos, sendo o grão todo consumido no próprio estado. As áreas de lavouras irrigadas apresentaram boas condições em campo devido ao bom pacote tecnológico e disponibilidade de irrigação constante, assim como boa incidência solar, apesar da alta nebulosidade

durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, e sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone, já com a colheita encerrada.

Mato Grosso: as condições climáticas têm favorecido a cultura, com chuvas abundantes e bem distribuídas, impulsionando o desempenho das lavouras, com provável rendimento médio satisfatório. A colheita encontra-se em fase inicial, e as lavouras estão, em sua maior parte, em desenvolvimento vegetativo, havendo casos de lavouras mais adiantadas, em menor proporção, as quais começaram a ser colhidas.

Mato Grosso do Sul: as temperaturas elevadas acompanhadas de pancadas de chuva proporcionaram condições favoráveis nas áreas semeadas no final de dezembro, enquanto períodos com dias de sol alternados com chuvas isoladas favoreceram áreas em que já ocorrem as operações de colheita, que tem previsão de se intensificar durante fevereiro, uma vez que tem ocorrido a colheita de forma gradual.

De maneira geral, a cultura vem apresentando bom desenvolvimento, com maior insolação e controle adequado das principais pragas, doenças e plantas invasoras. As áreas produtoras estão, em sua maioria, em fase de enchimento de grãos e maturação, com áreas também já em colheita, sendo alguns talhões colhidos até o momento, apresentando redução no desempenho produtivo, em consequência de mato em competição e maior incidência de doenças foliares durante o ciclo da cultura.

Minas Gerais: as lavouras irrigadas no sul do estado se encontram em boas condições, com a maior parte das lavouras já em fase de enchimento de grãos.

Nas áreas das regiões norte e leste, o arroz de sequeiro e de várzeas úmidas também se encontram em boas condições e também com bom

desenvolvimento vegetativo, ainda que a semeadura tenha ocorrido com atraso devido à irregularidade das chuvas. Ressaltamos que no Noroeste e Triângulo Mineiro, onde houve grande expansão nas últimas safras, estima-se uma redução significativa para esta safra devido, principalmente, aos preços pouco atrativos do cereal.

Contudo, ainda pode ocorrer novos plantios nas áreas em sucessão à cultura da soja, mas ainda a ser confirmado nos próximos levantamentos, que indicam redução de área para a atual safra.

Amazonas: o cultivo de arroz no Amazonas ocorre em áreas de várzea, condicionada ao regime de cheia e vazante. O cultivo de arroz no Amazonas ocorre em áreas de várzea, acompanhando o regime de cheias e vazantes dos rios, mas também está presente em áreas de terra firme, especialmente no sul do estado.

Em janeiro, o Amazonas registra volumes elevados de chuva, alta umidade relativa do ar e temperaturas médias elevadas, condições que, de modo geral, favorecem o desenvolvimento vegetativo da cultura, sobretudo nas áreas inundáveis.

No sul do Amazonas, onde o arroz é cultivado em regime de sequeiro, a maior disponibilidade de chuva nesse período reduz o risco de deficit hídrico. Ainda assim, o calendário agrícola local costuma ser organizado a partir da soja, que ocupa a posição de principal cultura comercial, influenciando o momento de implantação do arroz e das demais culturas na sucessão agrícola.

Até o momento, não há registros significativos da cultura no período analisado. O abastecimento do mercado local permanece fortemente dependente do fluxo interestadual, em razão da baixa participação da

produção estadual. O volume produzido no Amazonas é direcionado majoritariamente ao consumo local, sem impacto relevante sobre a oferta regional.

Sergipe: tem sido realizada a colheita do primeiro ciclo do cultivo da safra 2025/26, e preparação das áreas para o plantio do segundo ciclo, que se estende até meados de setembro de 2026. A previsão é que haja queda de área plantada até o final da safra, uma vez que os preços recebidos pelos produtores são considerados baixos, ainda necessitando confirmação com o andamento dos trabalhos em campo.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica														
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26											
RR**	Norte de Roraima	0,67		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
RO	Leste Rondoniense	0,86		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C				
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C							
TO**	Occidental do Tocantins	7,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	3,57		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
SC**	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz para a safra 2025/26, agora projetada em 10,9 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 14,4% em comparação com a safra 2024/25, estimada em 12,8 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição tanto da área plantada (-11,6%) quanto da produtividade (-3,3%) da cultura.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Além disso, após uma safra 2024/25 favorecida por condições climáticas ideais e maiores investimentos, o que resultou em recordes de produtividade em várias regiões, a expectativa para 2025/26 é menos otimista. Espera-se um clima menos propício ao cultivo e menor aporte de recursos no campo, motivado pelos preços baixos.

Quanto ao mercado externo, a projeção para 2024/25 é de um aumento nas exportações brasileiras, que devem atingir 1,85 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte, 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com previsão de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e de 1,4 milhão de toneladas na safra 2025/26. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor

no varejo deverá resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento significativo nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25, fevereiro de 2026, alcançando 2,2 milhões de toneladas, devido ao excedente atual de oferta. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques, fevereiro de 2027, ainda que permaneçam em nível elevado, com projeção de 1,6 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,7	1.300,0	14.554,5	10.500,0	1.850,0	2.204,5
2025/26	jan/26	2.454,5	11.061,4	1.400,0	14.915,9	10.800,0	2.100,0
	fev/26	2.204,5	10.914,6	1.400,0	14.519,1	10.800,0	1.619,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
2.600,6 mil ha	1.141 kg/ha	2.966,1 mil t
-3,4%	+0,4%	-3,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela Companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agronômico, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Jan./26	1.218	983,6
	Fev./26	1.202	967,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: as primeiras lavouras começaram a ser colhidas no fim de janeiro, porém a maioria delas ainda segue entre as fases de enchimento de grãos e maturação.

As condições gerais da cultura estão entre regulares e boas, com perdas pontuais de potencial produtivo em áreas que vêm sofrendo com alta infestação de mosca-branca, especialmente no Noroeste mineiro.

Ainda assim, a previsão é de maior produção do que na temporada passada, com estimativa de crescimento da produtividade média e da área total plantada com a cultura neste primeiro ciclo.

Bahia: o mês foi de bastante evolução para a cultura, que teve seu plantio finalizado, especificamente nas áreas do centro-sul, que sofreram atraso nas operações por conta das oscilações pluviométricas no fim de 2025.

Nas demais regiões produtoras, oeste e centro-norte, as lavouras estavam mais avançadas no ciclo, o que foi comprovado pelo início da colheita em algumas localidades.

Embora tenha havido registro de altas temperaturas em todas as regiões produtoras, além de episódios esporádicos de estiagens em áreas do centro-norte baiano, especialmente nas microrregiões de Jacobina e Senhor do Bonfim, no último mês, as condições gerais das lavouras e dos primeiros grãos colhidos são positivas. Há bom aspecto fitossanitário, sem danos significativos provocados por pragas ou doenças.

Tal cenário é bem diferente do ano passado, que sofreu com adversidades climáticas (prolongadas estiagens) e perdas relacionadas ao ataque de mosca-branca em muitas lavouras. Isso explica a previsão de expressivo aumento na produtividade média estimada em comparação ao resultado da safra 2024/25.



Foto 4 - Feijão cores 1ª safra - Floração - Planalto-BA

Fonte: Conab.

Goiás: a colheita foi iniciada no último mês, mas ainda segue em ritmo lento, principalmente em razão das chuvas volumosas que ocorreram no

período em que prejudicam as operações de sega e a maturação/secagem dos grãos, prevendo-se perdas pontuais de qualidade em alguns lotes, por excesso de umidade. Já o potencial produtivo não deve ser afetado, visto que essa condição se deu em lavouras que já estavam com o desenvolvimento do grão definido.

Contudo, a produção final deve sofrer um decréscimo em comparação com a temporada anterior, por conta da diminuição da área plantada, que ocorreu particularmente em áreas manejadas em sequeiro.

O principal motivo dessa redução está associado a questões mercadológicas, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente foram considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja. A maior probabilidade é que essa redução atual seja fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Paraná: a colheita está em fase final, restando 12% da área total para a conclusão das operações. O clima instável de janeiro trouxe alguns desafios, visto que o principal deles está relacionado com as chuvas frequentes durante as janelas de colheita, o que prejudicou, pontualmente, a qualidade comercial do grão. Além disso, houve perda de potencial produtivo em algumas lavouras, reduzindo assim a estimativa de produtividade média que se coloca ainda mais inferior do que na safra 2024/25, que foi ótima no quesito climático.

Outro ponto redutor que afetará a produção final é a diminuição na área plantada em relação à temporada anterior, visto que o alto custo de produção do feijão, somado à entrada esporádica de produtores em anos de alta nos preços, como no ano passado, foram cruciais nesse decréscimo, visto que na

safra atual houve tendência de retomada do cultivo de outras graníferas, como milho e soja, que neste momento se mostram mais rentáveis do que o feijão.

São Paulo: com um plantio mais antecipado que os demais estados produtores, a produção de feijão primeira safra em São Paulo está consolidada, com a conclusão da colheita em janeiro de 2026.

A cultura apresentou um bom desenvolvimento geral, sem danos fitossanitários ou por adversidades climáticas, resultando em uma média de produtividade superior ao ano passado. A qualidade dos grãos também foi considerada positiva.

Santa Catarina: a semeadura foi concluída nas áreas mais tardias, assim, se confirmou a estimativa inicial de redução de área total semeada em comparação a 2024/25, justificada por fatores como: baixo preço de comercialização do grão, condições climáticas adversas no início do ciclo, que acabaram por deslocar a janela ideal de semeadura, e perspectiva de impacto dessas oscilações do clima e do calendário de plantio sobre o potencial produtivo da cultura.

Quanto às condições gerais das lavouras, há certa heterogeneidade entre as diferentes regiões produtoras por conta de oscilações climáticas registradas em determinadas fases do ciclo.

Episódios esporádicos de excesso de umidade provocado pelas muitas chuvas, além de irregularidade térmica, com ocorrência de ondas de calor e frio em certos momentos, fizeram com que algumas lavouras reduzissem seu potencial produtivo, prevendo-se uma produtividade média ainda inferior à safra passada, embora tenha ocorrido ajuste positivo em relação

ao levantamento passado, por conta de recuperação em algumas lavouras mais tardias.

Rio Grande do Sul: mesmo com a característica de ser cultivado mais tarde, o plantio do feijão cores ocorreu de maneira bastante eficiente, concluindo as operações ainda em janeiro. As áreas semeadas se concentram principalmente na região do Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, mesmo nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção.

A área total semeada foi inferior em relação ao ano passado e também em comparação às estimativas apontadas nos levantamentos anteriores. A menor rentabilidade da cultura frente a outras opções de cultivo de verão foi um dos principais fatores para essa queda.

Quanto às condições da cultura, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento, mesmo com algumas oscilações climáticas ao longo do ciclo.

Distrito Federal: as precipitações de janeiro foram importantes, especialmente para as lavouras mais tardias, que se beneficiaram dessa condição com maior umidade nos solos para se desenvolverem.

De maneira geral, as condições gerais da cultura são boas, e as lavouras mais precoces já iniciaram a colheita, apresentando um grão de ótima qualidade, até o momento.

Mato Grosso: a semeadura foi concluída e se observou redução na área plantada em relação ao valor estimado nos levantamentos anteriores, bem como em comparação com a temporada passada. A baixa liquidez e as poucas

movimentações de mercado do produto acabaram desestimulando alguns produtores, que optaram por outros cultivos nesse primeiro momento.

As lavouras têm se beneficiado do regime de chuvas, apresentando desenvolvimento favorável e boa sanidade, com manutenção do potencial produtivo. A colheita ainda não se iniciou, porém boa parcela das lavouras já se encontra em fase de maturação.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: cerca de 70% da área total colhida até o fim de janeiro.

O clima instável do último mês trouxe alguns desafios, uma vez que o principal deles está relacionado com as chuvas frequentes durante as janelas de colheita, o que prejudicou, pontualmente, a qualidade comercial do grão. Além disso, houve perda de potencial produtivo em algumas lavouras, reduzindo assim a estimativa de produtividade média que se coloca ainda mais inferior do que na safra 2024/25, que foi ótima no quesito climático.

Outro ponto redutor que afetará a produção final é a diminuição na área plantada em relação à temporada anterior (houve mais um ajuste decrescendo o número estimado em comparação com o divulgado no mês passado), visto que o alto custo de produção do feijão, somado à entrada esporádica de produtores em anos de alta nos preços, como no ano passado, foram cruciais nesse decréscimo, visto que na safra atual houve tendência de retomada do cultivo de outras graníferas como milho e soja, que nesse momento se mostram mais rentáveis do que o feijão.

Santa Catarina: a cultura se concentra em três grandes regiões do estado, sendo elas: Planalto e Serra, Meio-Oeste e Extremo-Oeste. Nelas, as operações de semeadura foram concluídas no início de janeiro, confirmando a estimativa inicial de redução de área total semeada em comparação a 2024/25, justificada por fatores como: baixo preço de comercialização do grão, condições climáticas adversas no início do ciclo que acabaram por deslocar a janela ideal de semeadura e perspectiva de impacto dessas oscilações do clima e do calendário de plantio sobre o potencial produtivo da cultura.

Quanto às condições gerais das lavouras, há certa heterogeneidade entre as diferentes regiões produtoras por conta de oscilações climáticas registradas em determinadas fases do ciclo. Episódios esporádicos de excesso de umidade provocado pelas muitas chuvas, além de irregularidade térmica, com ocorrência de ondas de calor e frio em certos momentos, fizeram com que algumas lavouras reduzissem seu potencial produtivo. Ainda assim, a média da produtividade esperada deverá ser similar ao valor alcançado em 2024/25.

Rio Grande do Sul: o mês foi de bastante evolução, com a conclusão do plantio ainda nas primeiras semanas de 2026 (houve uma redução ainda maior na estimativa de área semeada em comparação ao total cultivado em 2024/25), e também com o avanço da colheita naquelas áreas de plantio mais precoce. Ao todo, já foram colhidas cerca de 20% da área plantada até o fim de janeiro.

Embora o ciclo esteja sendo marcado por importante oscilação climática, a condição atual tem sido mais favorável à cultura, depois de um início de safra, especialmente em novembro e dezembro de 2025, com precipitações escassas e temperaturas mais elevadas.

Nas áreas semeadas mais tarde, como aquelas em sucessão ao cultivo de tabaco, as precipitações do meio de dezembro proporcionaram a retomada do desenvolvimento vegetativo, e a expectativa de produtividade segue próxima da inicial.

As precipitações ocorridas no segundo decêndio de dezembro permitiram boas condições de umidade no solo e o avanço das operações de preparo das áreas e a própria semeadura.

Apesar das perdas já consolidadas em algumas lavouras, o potencial produtivo da cultura se mantém satisfatório, especialmente na principal região produtora, onde as condições climáticas foram menos adversas.

Minas Gerais: as primeiras lavouras começaram a ser colhidas no fim de janeiro, porém a maioria delas ainda segue entre as fases de enchimento de grãos e maturação.

As condições gerais da cultura estão entre regulares e boas, com perdas pontuais de potencial produtivo em áreas que vêm sofrendo com alta infestação de mosca-branca, especialmente no Noroeste mineiro.

Ainda assim, a previsão é de maior produção do que na temporada passada, com estimativa de crescimento da produtividade média por conta das melhores condições climáticas atuais.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: houve bom avanço da semeadura no último mês, especialmente no sudoeste do estado, onde as chuvas foram mais regulares e permitiram melhores condições edafoclimáticas para o cultivo. Nas demais regiões

produtoras, o plantio é mais incipiente, com certa intermitência nas operações devido à irregularidade das precipitações.

A grande maioria das lavouras está em desenvolvimento vegetativo, com apenas uma pequena parcela ingressando na fase de floração.

Embora haja oscilações pluviométricas na maior parte das regiões produtoras, as condições gerais das lavouras implantadas são consideradas boas, devendo ter uma produtividade média superior ao ciclo passado, que foi bastante afetado pela escassez hídrica.

Bahia: plantio finalizado no último mês, confirmando a previsão inicial de expressiva redução na área plantada em comparação a 2024/25. Os preços menos atrativos em relação a outros cultivos, a dificuldade de comercialização do grão e as oscilações climáticas que afetaram algumas das principais regiões produtoras nos últimos anos fizeram com que muitos produtores se vissem desestimulados para o cultivo do feijão-caupi no atual ciclo.

Quanto ao desenvolvimento da cultura, embora tenha havido registro de altas temperaturas em todas as regiões produtoras, além de episódios esporádicos de estiagens em áreas do centro-norte baiano, especialmente nas microrregiões de Jacobina e Senhor do Bonfim, no último mês, as condições das lavouras e dos primeiros grãos colhidos são positivas. Há bom aspecto fitossanitário, sem danos significativos provocados por pragas ou doenças.

Maranhão: pouco mais de 70% da área semeada até o fim de janeiro. Mantém-se a estimativa de diminuição na destinação de área para o plantio em comparação com a safra 2024/25, especialmente por conta da

concorrência com outros cultivos e das oscilações climáticas em algumas localidades do estado.

No estado há predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta frequentemente em baixos rendimentos. Inclusive, há usualmente subsídio por meio de políticas públicas que estimulam essa produção.

As lavouras implantadas estão desde a fase de emergência até o estádio de enchimento de grãos, naquelas áreas de plantio mais cedo (novembro de 2025). As chuvas, embora esparsas, vêm atendendo a demanda hídrica básica da cultura, principalmente nas lavouras concentradas no sul do estado, onde as precipitações estiveram menos irregulares. Nas demais regiões produtoras, o clima é mais desafiador e pode afetar o potencial produtivo da cultura.

Minas Gerais: as condições gerais da cultura estão entre regulares e boas, com perdas pontuais de potencial produtivo em áreas que apresentaram maior oscilação pluviométrica.

Ainda assim, a previsão é de maior produção do que na temporada passada, com estimativa de crescimento da produtividade média e da área total plantada com a cultura.

Tocantins: a colheita, que já havia sido concluída nas áreas irrigadas, que tem plantio mais precoce, agora avança nas lavouras em sequeiro. Ao todo são quase 80% da área total colhida, até o momento, visto que as lavouras remanescentes seguem entre as fases de enchimento de grãos e maturação, principalmente.

As condições gerais da cultura são boas, com bom potencial produtivo, especialmente nas áreas de várzea (irrigadas). A expectativa é de acréscimo na produtividade média total em comparação com a temporada passada.

Mato Grosso: as condições climáticas têm sido muito favoráveis à cultura, com chuvas abundantes e regulares, proporcionando um ambiente ideal para o seu desenvolvimento. O regime pluviométrico e as condições térmicas permanecem favoráveis, assegurando o aporte necessário para a finalização do ciclo fenológico. A estabilidade climática tem beneficiado a maturação dos grãos e viabilizado o início das operações de colheita, especialmente nos dias sem chuvas.

As lavouras apresentam vigor vegetativo e reprodutivo consistentes, e as projeções de produtividade média mantêm-se satisfatórias devido à eficiência no desenvolvimento das plantas.

Pernambuco: a colheita foi finalizada no último mês, confirmando a redução na produtividade média esperada, em virtude da irregularidade das chuvas durante o ciclo, com períodos de estiagem, que acabaram afetando o potencial produtivo da leguminosa.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Norte Piauiense	0,96					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Piauiense	2,36					DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,28					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PE	Agreste Pernambucano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C					

Continua

Legenda - Condição hídrica													
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
					S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
MT	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Norte Mato-grossense	0,69				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Leste Goiano	5,75				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
GO	Sul Goiano	4,31				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	2,30				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
	Distrito Federal	2,44				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
DF	Noroeste de Minas	5,83				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Campo das Vertentes	2,56				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,39				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG		F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV		DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	1,37		S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
SC	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV		E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV		E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
RS	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV		E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,43		S/E		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Serrana	2,04		S/E		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV		E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Jan./26	967	1.360,2
	Fev./26	947	1.296,4

Fonte: Conab.

Aproveitando-se do ciclo mais curto do feijão em comparação a outras graníferas, o produtor consegue adequar o plantio da cultura dentro do ano-safra em janelas menores. Isso viabiliza oferta constante do produto ao longo do ano, com semeaduras ocorrendo em diferentes épocas. É o caso do feijão segunda safra, que tem seu plantio começando a partir de janeiro e que se estende, tradicionalmente, até abril.

Nesse período, há uma importante destinação de área para o plantio da cultura, com grande pulverização das lavouras pelo território nacional, com cultivo dos três grandes grupos: feijão-comum cores e preto, além do feijão-caupi.

Atualmente, as lavouras já estão em início de implantação em áreas pontuais, como no Sul do país, mas a grande maioria das áreas ainda estão em preparação para o começo da semeadura a partir de fevereiro/março de 2026.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: o início do ciclo tem apresentado um cenário climático bem heterogêneo entre

as principais regiões produtoras. Enquanto a maior parte do estado viu a umidade se estabilizar, o oeste e sudoeste sofrem com um bloqueio atmosférico que impede a chegada de frentes frias, resultando em chuvas escassas, baixa reserva hídrica no solo e temperaturas máximas extremas em algumas regiões. Esse contraste regional impõe um estresse térmico e deficit hídrico às lavouras recém-implantadas de algumas localidades e até um atraso nas operações de plantio na espera por melhores condições pluviométricas e térmicas.

Nesse cenário, apenas 9% da área total esperada foi efetivamente plantada, até o momento. As lavouras implantadas estão entre as fases de emergência e desenvolvimento vegetativo, exibindo um arranque vigoroso no centro-leste. No entanto, o cenário é crítico nas regiões oeste e sudoeste, onde a falta de chuvas e o calor provocam estresse térmico e estandes irregulares.

Minas Gerais: com o atraso no calendário de plantio e colheita das lavouras de primeira safra, também houve adiamento do início da semeadura do feijão de segundo ciclo. Assim, ainda não há operações de plantio em curso, apenas o preparo dos solos para posterior implantação da cultura.

Mato Grosso: o plantio ainda não foi iniciado.

Bahia: previsão de início do plantio apenas para fevereiro, ocorrendo majoritariamente em sucessão com áreas colhidas de soja.

Mato Grosso do Sul: o plantio ainda não foi iniciado.

São Paulo: plantio ainda não foi iniciado.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o clima irregular em algumas regiões produtoras nesse início de ciclo e a retração dos preços do feijão-preto têm causado preocupação quanto ao cultivo da cultura.

As primeiras áreas começaram a ser semeadas no último mês, porém o seu avanço foi pequeno e ficou de adequar à condição climática da região. Enquanto a maior parte do estado viu a umidade se estabilizar, as regiões oeste e sudoeste sofrem com um bloqueio atmosférico que impede a chegada de frentes frias, resultando em chuvas escassas, baixa reserva hídrica no solo e temperaturas máximas extremas em algumas regiões. Esse contraste impõe um estresse térmico e deficit hídrico às lavouras recém-implantadas de algumas localidades e até um atraso nas operações de plantio na espera por melhores condições pluviométricas e térmicas.

Apenas 7% da área total prevista foi efetivamente plantada, visto que a expectativa inicial é de expressiva redução em comparação com a temporada passada. A baixa rentabilidade recente e a migração de produtores para soja e milho, até mesmo para a produção de biocombustíveis, são alguns dos fatores que explicam essa redução. Além disso, a condição climática desfavorável no início do ciclo em regiões como o oeste e o sudoeste, junto com o atraso nas operações de plantio em âmbito estadual faz com que haja uma estimativa de redução na área plantada, mesmo com uma elevação recente nos preços pagos pelo produto. Tais incertezas fazem com que o produtor opte pelo cultivo de outras culturas.

Santa Catarina: plantio recém-iniciado, ocorrendo apenas de maneira pontual em algumas regiões produtoras.

Embora ainda seja início de ciclo, há uma preocupação no setor com uma possível redução na área plantada, em comparação à temporada anterior, por conta,

principalmente, pelos preços menos atrativos e maior risco de produção, haja vista ser a cultura mais suscetível ao clima, principalmente estiagens e chuvas na colheita.

Rio Grande do Sul: a semeadura teve início em meados de janeiro e alcançou cerca de 10% da área total até o fim do mês. As lavouras são implantadas em sucessão à colheita de cultivos de verão, especialmente milho, com maior avanço nas regiões onde as chuvas vêm acontecendo de forma mais regular.

Minas Gerais: com o atraso no calendário de plantio e colheita das lavouras de primeira safra, também houve adiamento do início da semeadura do feijão de segundo ciclo. Assim, ainda não há operações de plantio em curso, apenas o preparo dos solos para posterior implantação da cultura.

FEIJÃO-CAUPI

O plantio da cultura é tradicionalmente mais tardio, não havendo nenhuma área semeada até o momento.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica							
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Occidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,78		S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
CE	Noroeste Cearense	1,39		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,33		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Itapetininga	1,71		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	1,00		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Norte Central Paranaense	0,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
PR	Centro Oriental Paranaense	6,14		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Oeste Paranaense	1,76		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Paranaense	16,97		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Sul Paranaense	15,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudeste Paranaense	5,98		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
SC	Metropolitana de Curitiba	0,89		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
	Oeste Catarinense	3,78		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

Continua

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio, da safra 2025/26, estará disponível apenas a partir de maio de 2026.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, o mercado segue firme neste início de ano, com o produto passando por sucessivas alterações nos preços, chegando a superar em R\$ 325 por saca de 60 quilos, na primeira semana de fevereiro. A pouca oferta do grão, em virtude da restrição de ofertas por parte dos produtores, da menor área semeada na primeira safra e dos problemas decorrentes de adversidades climáticas, são apontados como os principais responsáveis para tal comportamento.

Cabe destacar que, ao longo dos anos, a competição com a soja e o milho, que geralmente apresentam melhores perspectivas de mercado, tem influído para a expressiva queda na área plantada, que atingiu, nesta temporada, o menor patamar já registrado na história.

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos oriundos do próprio estado, assim como do Paraná, e em menor escala de Minas Gerais.

Esperava-se, a qualquer momento, uma reação dos preços, mas não de forma tão intensa. No Paraná, a primeira safra está em processo final de colheita, e mais da metade da produção já foi comercializada pelos produtores. Nos

demais estados, da Região Centro-Sul, predominam as fases de maturação/colheita, e os trabalhos de campo contam com um significativo atraso em comparação à safra anterior, devido ao excesso de chuva que tem afetado tanto a produtividade das lavouras como a qualidade dos grãos (manchas).

No atacado e nas zonas de produção, as ofertas reduziram bastante, e muitos comerciantes recuaram aguardando um melhor momento para as negociações, mesmo cientes da demanda bastante retraída.

Assim, com a previsão de oferta moderada e baixo estoque de passagem, a tendência é que os preços continuem atrativos para os produtores, pelo menos até a entrada mais expressiva da produção da segunda safra “safrinha” prevista para meados de abril, no Paraná.

Com relação à segunda safra, ou safra da seca, a pesquisa de campo projeta uma modesta expansão na área a ser plantada e aumento de apenas 1,5% na produção. Na Região Sul, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo cerca de 30% da área, e as lavouras atravessam majoritariamente as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

A situação favorável de mercado seria um fator motivador para uma maior expansão na área a ser cultivada na segunda safra, no entanto a elevação dos preços ocorreu a partir de meados de janeiro. No Paraná, maior estado produtor, o plantio começou no início de janeiro, tornando o período bastante curto para tal decisão. Lá, observa-se uma forte tendência de aumento da área de milho, notadamente na região sudoeste do estado.

Quanto ao varejo, as margens estão se elevando e verifica-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para o consumidor, e essa recente elevação abrupta dos preços poderá impactar ainda mais o consumo interno.

No mercado atacadista de São Paulo, os preços apresentaram uma forte elevação, devido:

- Menor oferta da primeira safra;
- Significativa redução no segundo plantio “safrinha”;
- Elevado aumento nos preços do feijão-carioca; e,
- Postura firme dos produtores/corretores em suas pedidas.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2024, foram importadas 22,2 mil toneladas, ou seja, 46,8 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Essa redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhida na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a dezembro de 2024, foram exportadas 343,6 mil toneladas, contra 139 mil toneladas no mesmo período de 2023. Cabe esclarecer que um dos principais motivos para essa expressiva evolução foi a demanda atípica de feijão-preto por parte dos corretores/exportadores.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo em dezembro chega em um volume médio de produção estimado em 2,97 milhões de toneladas, 3,1% abaixo da anterior.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 105,6 mil toneladas, a manutenção do consumo em 2,8 milhões de toneladas, as importações projetadas em 21,6 mil toneladas, e as exportações de 214,4 mil toneladas, o resultado será um estoque final de 79 mil toneladas, neste momento, o menor registrado na história.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25	296,0	3.059,9	13,9	3.369,8	2.800,0	464,2	105,6
2025/26	jan/26 fev/26	106,3 105,6	3.046,2 2.966,1	21,6 21,6	3.174,1 3.093,3	2.800,0 2.800,0	159,7 78,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).

**MILHO****ÁREA**

22.525,6 mil ha

+ 3,1%**PRODUTIVIDADE**

6.146 kg/ha

- 4,9%**PRODUÇÃO**

138.448,2 mil t

- 1,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA**MILHO PRIMEIRA SAFRA**

TABELA 10 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Jan./26	6.427	25.895,2
	Fev./26	6.603	26.700,3

Fonte: Conab.

O plantio se aproxima da finalização, alcançando 97,1% no final da primeira semana de fevereiro. Maranhão e Piauí ainda realizam o plantio, que está atrasado nesses estados devido à demora na regularização das chuvas, o que obrigou os produtores a paralisarem diversas vezes a operação. Também restam áreas pontuais na Região Sul.

As precipitações ocorridas no período favoreceram o desenvolvimento do cereal em praticamente todas as regiões. As exceções ocorreram no centro-norte da Bahia, em algumas regiões do Piauí, Maranhão e Pará. No Rio Grande do Sul, a redução das precipitações após a primeira quinzena também afetou o potencial produtivo em muitas regiões onde o milho se encontrava em enchimento de grãos.

A colheita da primeira safra já foi iniciada na Região Sul, com boas produtividades sendo obtidas. No Rio Grande do Sul ela alcançou 33% da área no final de janeiro

Nesta safra é estimado o cultivo de 4,04 milhões de hectares, um aumento de 7,2%, com migração de cultivo de arroz e feijão, além da troca do replantio da soja pelo cultivo do cereal. A produção neste levantamento está prevista em 26,7 milhões, aumento de 7,1%, e foi elevada em 805,1 mil toneladas em relação ao último levantamento.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: foi registrado que o início do ciclo foi mais desafiador para a cultura, com chuvas irregulares, até mesmo prejudicando irreversivelmente parte das lavouras plantadas mais cedo. A partir de dezembro, o retorno das chuvas regulares propiciou uma boa recuperação e desenvolvimento das lavouras mais jovens. Alguns períodos de chuva constante acabaram atrasando algumas pulverizações e adubação de cobertura.

Em janeiro, o clima continuou com chuvas abundantes, intercalado com períodos quentes, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras, que se encontram, majoritariamente, em enchimento de grãos. Assim, foi projetado um incremento de produtividade para a cultura, com algumas

localidades sugerindo, até o momento, recorde de produtividade dentre as últimas safras.

Rio Grande do Sul: a colheita da cultura iniciou no final de dezembro, e ao final de janeiro já alcançava 33% da área cultivada. As produtividades das lavouras são consideradas satisfatórias, acima das expectativas iniciais, embora sejam inferiores às esperadas pelos produtores. As perdas citadas são decorrentes da estiagem de 16 de novembro a 8 de dezembro, em relação ao potencial da cultura no campo.

No Planalto Médio, a colheita do milho atingiu cerca de 20% das áreas na região Noroeste, e a fase predominante é de maturação. Em áreas com alta umidade dos grãos, a colheita tem sido mais lenta e cuidadosa, para evitar perdas na qualidade. No Planalto Superior, as lavouras estão em boas condições e apresentam bons potenciais produtivos. O impacto da estiagem na região foi menos severo do que o observado nas demais regiões do estado.

No Alto Uruguai, as lavouras semeadas na primeira etapa da safra se aproximam da conclusão do ciclo, visto que 51% da área já está colhida e 32% está em maturação. As áreas colhidas apresentam bons resultados. Na região Sul, Campanha e Central, as lavouras começaram a ser colhidas. A maioria está em enchimento de grãos e maturação. As estimativas de produtividade variam em razão das condições climáticas e das tecnologias adotadas pelos produtores, oscilando de 6.000 kg/ha nas lavouras de sequeiro a 12.000 kg/ha nas lavouras irrigadas.

Em termos de estado, após o período de estiagem de 16 de novembro a 8 de dezembro, as chuvas retornaram e proporcionaram leve a recuperação das áreas semeadas mais cedo (maior parte estava no florescimento e início do enchimento de grãos) e a continuidade de bom desenvolvimento das lavouras semeadas na janela intermediária (grupo em que predominavam lavouras

no final do desenvolvimento vegetativo em 8 de dezembro). Desta forma, conforme a colheita avança, é esperado que a produtividade das lavouras melhore.

As lavouras semeadas mais tarde, geralmente em sucessão a outro cultivo de inverno ou primavera e, consequentemente, fora da janela ideal, apresentam condições dentro das esperadas inicialmente, sempre lembrando que são áreas em que o investimento dos produtores é menor e que a expectativa de produtividade é significativamente inferior em relação às lavouras semeadas na janela do cedo e na janela intermediária.

Diante do cenário exposto, especialmente por restar parcela significativa da área para ser colhida, foi mantida a estimativa inicial de produtividade média no final da safra 2025/26, em 6.641 kg/ha.

Santa Catarina: as lavouras de milho da primeira safra apresentam avanço gradual da colheita, que teve início de forma ainda tímida na última semana de janeiro, alcançando cerca de 6% da área cultivada, obtendo boas produtividades.

O atraso observado ao longo do ciclo está diretamente relacionado às condições climáticas adversas registradas na primavera de 2025, quando o excesso de chuvas, associado a temperaturas mais baixas, comprometeram a implantação do cereal. Esse cenário resultou em atraso no desenvolvimento fenológico das plantas, refletindo em uma maturação mais lenta e, consequentemente, no escalonamento da colheita. Atualmente, 41% das lavouras ainda se encontram na fase final de enchimento de grãos, indicando que a colheita deverá se estender até março.

Quanto aos aspectos fitossanitários, não há registros de doenças de incidência generalizada acima do esperado. Há ocorrência pontual de pulgões e

monitoramento constante da cigarrinha-do-milho, sem danos expressivos em escala estadual. A condição geral das lavouras é considerada boa, com perdas localizadas, associadas a estresse hídrico e calor excessivo durante a polinização, e com ótimo potencial produtivo na maioria das áreas.

Paraná: a colheita no estado inicia-se sob um clima de extremos,, atingindo 3% da área no final de janeiro. Enquanto no centro-leste, as chuvas regulares favorecem a maturação, no oeste e sudoeste o calor de 38 °C e o deficit hídrico aceleram o ciclo de forma forçada, antecipando a entrada das colhedoras e comprometendo o peso final do grão. Esse cenário de estresse térmico já se reflete na qualidade, embora a maioria das lavouras ainda seja classificada como boa.

A irregularidade climática gera apreensão, pois a falta de umidade nas fases finais de frutificação e maturação, que somam 87% da área, poderá impedir que o potencial produtivo pleno seja atingido em todas as regiões, caso as precipitações não se regularizem.



Foto 5 - Milho 1ª safra - Luíziana-PR

Fonte: Conab.

São Paulo: o cereal está evoluindo em vários estágios, desde o desenvolvimento vegetativo até a maturação. As chuvas que caem frequentemente estão favorecendo as lavouras, possibilitando uma melhor perspectiva de produtividade. A colheita está prevista para o início de fevereiro.

Mato Grosso do Sul: nos municípios de Costa Rica e Chapadão do Sul, tradicionais em cultivar o milho verão, a irregularidade das precipitações resultou em atrasos na realização de tratos culturais. Por outro lado, os municípios de São Gabriel e Sonora, embora semeados no mesmo período, apresentaram chuvas mais regulares, que permitiram o avanço de todas as operações defensivas e nutricionais. Até o momento, cerca de 60% das lavouras encontram-se em florescimento, com as lavouras mais adiantadas recebendo a primeira dose de fungicida, e a maioria das áreas apresenta bom potencial produtivo.

Mato Grosso: as lavouras exibem desenvolvimento vegetativo e reprodutivo satisfatório, com manutenção do potencial produtivo. O controle de pragas, em especial a cigarrinha-do-milho, tem garantido a integridade fitossanitária das áreas alocadas à cultura. Mesmo com a adoção de um pacote de média tecnologia, a produtividade média é impulsionada pelas condições favoráveis da primeira safra, e projetado um rendimento médio elevado.

Goiás: as chuvas têm favorecido as lavouras de uma forma geral, principalmente aquelas em fase reprodutiva, mas ainda uma parcela destas necessitam de água para complementar seu ciclo de forma satisfatória. As condições das lavouras são excelentes, com baixa pressão de pragas e doenças e, por consequência, menor carga de defensivos aplicados.



Foto 6 - Milho 1ª safra - Enchimento de grãos - Chapadão do Céu-GO

Fonte: Conab.

Distrito Federal: após a regularização das chuvas em dezembro e as boas chuvas ocorridas em janeiro, as lavouras de milho apresentam ótimo desenvolvimento. A maioria delas se encontra em enchimento de grãos, e a colheita se aproxima do início.

Bahia: as lavouras encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e colheita. De maneira geral, apresentam bom aspecto e desenvolvimento satisfatório. As precipitações foram bem distribuídas e regulares nas regiões oeste e centro-sul. Apenas as áreas da microrregião de Jacobina e no Senhor do Bonfim, centro-norte, tiveram a capacidade produtiva reduzida devido à restrição hídrica.



Foto 7 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Jaborandi-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: na região sul do estado, o plantio foi finalizado. Nas regiões oeste, centro, leste e norte do estado, a operação está em andamento ou no início, com atraso na semeadura devido à falta de chuvas, mas sem comprometimento, em virtude da janela de plantio se estender até fevereiro.

Em algumas áreas do oeste do estado, o plantio foi suspenso durante vários dias de janeiro, com posterior continuidade. Em certas ocasiões, o veranico causou perda de sementes, havendo necessidade de replantio. As lavouras encontram-se em emergência e desenvolvimento vegetativo.

A área estimada de plantio da primeira safra de milho é de 315,1 mil hectares, com expansão de 5,7% em relação ao ano anterior.



Foto 8 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Balsas-MA

Fonte: Conab.

Piauí: a cultura teve a semeadura realizada em quase sua totalidade em dezembro na região do Cerrado piauiense (Sudoeste), porém, nesta safra, como na safra anterior, teve início no último decêndio de novembro. As lavouras seguem se desenvolvendo em boas condições, apesar dos volumes de chuva em janeiro terem sido abaixo da média histórica. As áreas plantadas no início da janela já se encontram em enchimento de grãos.



Foto 09 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Rondônia: as chuvas no período foram volumosas e regulares, suficientes para garantir boas condições de desenvolvimento para o cereal, e os produtores continuam realizando o controle de pragas e doenças. A maioria das áreas se encontra nos estádios reprodutivos, sendo 40% já em maturação, com perspectivas de uma boa produtividade.

Pará: o plantio se aproxima da finalização nos polos de Paragominas e Santarém, atrasado devido à irregularidade das chuvas do início do mês. Entretanto, as chuvas mais regulares e em bom volume, após a primeira quinzena de janeiro, permitiram um avanço nas operações e favoreceram as lavouras em todos os estádios. As primeiras áreas semeadas deverão ser colhidas em fevereiro.

Tocantins: a colheita foi iniciada nas várzeas, com rendimento afetado por chuvas irregulares durante o ciclo em algumas áreas, principalmente na fase crítica da cultura, floração e enchimento de grãos, mas corresponde a uma pequena parcela da área semeada no estado. Nas áreas de sequeiro, as lavouras estão em boas condições e em diferentes estágios fenológicos, desde o vegetativo até enchimento de grãos. O plantio ocorreu entre novembro e janeiro. Nesta safra registra-se um aumento na área do milho safra de 16,7%, principalmente nas várzeas onde produtor reduziu a área do arroz irrigado, migrando parte para o cultivo do milho.

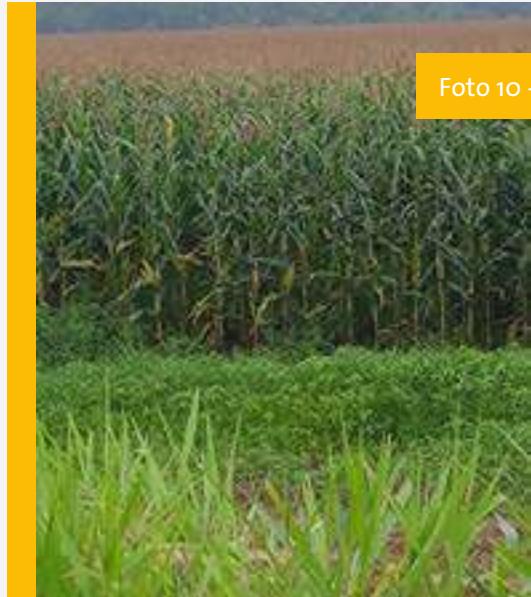


Foto 10 - Milho 1ª safra - Enchimento de grãos - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C		
TO	Ocidental do Tocantins	0,80				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	5,30						S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	0,80				PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Goiano	0,59				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano	2,35				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano	2,38				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C	
DF	Distrito Federal	0,59				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MG	Noroeste de Minas	2,34		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Norte de Minas	0,73		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Oeste de Minas	1,66		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
SP	Campo das Vertentes	2,35		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Zona da Mata	0,62		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	São José do Rio Preto	0,52		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Ribeirão Preto	0,51		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Bauru	0,97		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Campinas	1,34		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
PR	Itapetininga	1,96		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	0,69		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 11 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25	17.430,3	6.496	113.228,4
2025/26	Jan./26	6.105	110.461,0
	Fev./26	6.106	109.262,7

Fonte: Conab.

O plantio da segunda safra de milho 2025/26 acelerou durante janeiro e, na primeira semana de fevereiro, chegou a 21,6% da área estimada de cultivo já implantada, número próximo da média das últimas safras e acima do registrado no último ciclo.

Mato Grosso lidera a corrida na implantação do cereal, com 37,1% já semeados, seguido por Tocantins, Paraná, Pará e Mato Grosso do Sul. Goiás e Minas Gerais também já começaram o plantio em áreas irrigadas e, pontualmente, em áreas de sequeiro, mas estão atrasados devido à demora na implantação da área de soja. Nos demais estados, o plantio começará em fevereiro, após a colheita da oleaginosa.

Em alguns estados, como Goiás, Maranhão e Piauí, deverá ocorrer redução da área semeada pela provável perda da janela ideal de cultivo devido ao atraso na colheita da soja. A maioria das áreas semeadas apresentam boas condições de estabelecimento inicial em razão das boas condições climáticas.

O avanço da semeadura estará diretamente ligado às precipitações que ocorrerão em fevereiro e terão influência direta na velocidade da colheita da soja. A estimativa de área e produção, neste levantamento, é de 17,89 milhões

de hectares, e colheita de 109,3 milhões de toneladas do cereal.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as lavouras de milho segunda safra estão em fase inicial, majoritariamente em emergência e de desenvolvimento vegetativo. As áreas semeadas apresentam evolução favorável, e existe um cenário promissor no que se refere à produtividade média projetada em decorrência da provável implantação de grande parte das lavouras dentro da janela ideal, do regime favorável de chuvas e de umidade no solo, além dos elevados investimentos à cultura. O status fenológico das áreas implantadas é considerado promissor, exibindo um desenvolvimento vegetativo satisfatório e ausência de pragas ou doenças.

Paraná: diferente da safra 2024/25, que contou com chuvas bem distribuídas e um plantio acelerado, o clima para o milho segunda safra em janeiro foi marcado por uma forte irregularidade regional. Enquanto o centro-leste manteve boa umidade no solo, as principais regiões produtoras do oeste e sudoeste sofreram com um bloqueio atmosférico que gerou deficit hídrico e temperaturas extremas de até 38 °C. Esse cenário resultou em um plantio mais lento e cauteloso, com as lavouras recém-emergidas enfrentando um estresse térmico severo. O retorno das precipitações no final de janeiro trouxe alívio aos produtores e recuperação das lavouras, que se encontram majoritariamente em boas condições.

Mato Grosso do Sul: com incremento de área já confirmado, a semeadura ainda é incipiente em Mato Grosso do Sul, limitando-se a áreas pontuais dos municípios de Aral Moreira, Itaporã e Sete Quedas, ambos localizados na região sul e fronteira. O plantio começará a ganhar tração em meados de fevereiro.

Goiás: o cenário atual do milho safrinha em Goiás para o ciclo 2025/26 indica um cultivo de 1,8 milhão de hectares do cereal, redução de 1,1% em relação ao último ciclo. Isso se deve, principalmente, ao atraso do plantio da soja e consequentemente da sua colheita, reduzindo a janela ideal de cultivo da segunda safra. Devido a isso e ao alto custo de produção do cereal, muitos produtores estão optando na troca do cultivo do milho por outras lavouras menos sensíveis a restrições hídricas, como o sorgo, principalmente nas áreas em que o milho seria semeado tardiamente.

A semeadura avança de forma pontual no sudoeste do estado à medida que a colheita da soja progride. No momento, as chuvas favorecem o armazenamento de água no solo e auxiliam a emergência das lavouras já implantadas.

Distrito Federal: o plantio já foi iniciado e seu ritmo é ditado pelo avanço da colheita da soja. As condições iniciais de desenvolvimento são consideradas excelentes.

Bahia: o plantio se aproxima do início.

Maranhão: a semeadura da segunda safra de milho será realizada em municípios da região sul do estado, entre fevereiro e março de 2026. A irregularidade no início do período chuvoso e os veranicos que ocorreram em novembro atrasaram o plantio da soja, prejudicando a janela ideal para estabelecimento da safrinha de milho na região, com provável diminuição de área de milho segunda safra e à possível substituição de parte de área de cultivo de milho por sorgo.

Piauí: a área a ser semeada ainda está em planejamento final, tendo em vista a irregularidade das chuvas, que atrasou o plantio da soja na primeira safra, e há previsão de redução significativa de área pela perda da janela

ideal de cultivo.

Rio Grande do Norte: comparativamente, o ano de 2026 apresenta perspectiva climática ligeiramente mais favorável que 2025, sobretudo se confirmada a ocorrência de chuvas regulares em março e abril, fundamentais para a consolidação da quadra chuvosa no interior potiguar. Mesmo assim, é esperado uma redução na área de cultivo devido ao aumento no custo de produção do cereal, e o plantio ocorre pontualmente apenas em áreas com umidade suficiente para a emergência do cereal.

Ceará: as precipitações começaram a ocorrer no estado a partir da segunda quinzena de janeiro, principalmente no norte e oeste. Entretanto, os produtores ainda esperam a regularização delas, e o cultivo deve acontecer, em sua maioria, em fevereiro.

Pernambuco: o plantio deverá começar em fevereiro.

Tocantins: o plantio avança no oeste, centro e sul do estado, acompanhando a colheita da soja e com boas condições de desenvolvimento inicial. Já no norte e nordeste do estado, o plantio está atrasado, mesmo em municípios tradicionais de cultivo, como Campos Lindos, que tem grande importância na produção da safrinha, devido ao atraso no plantio da soja.

Rondônia: o plantio foi iniciado no estado, mas as precipitações frequentes e em altos volumes dificultam o andamento dos trabalhos devido à alta umidade do solo.

Pará: o plantio da segunda safra de milho foi iniciado em janeiro na região da BR-163, acompanhando a colheita da soja. A partir da segunda quinzena de janeiro, o cultivo também começou no sudeste do estado, nos municípios de Santana do Araguaia até Redenção. Até o momento, as condições climáticas

têm favorecido a germinação e o desenvolvimento inicial do cereal.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRÁ

Legenda – Condição hídrica								
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Occidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
DF	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
MG	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	1,05		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Continua

Legenda – Condição hídrica							
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 12 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	650,1	3.868	2.514,9
2024/25	Jan./26	4.494	2.873,4
	Fev./26	4.714	2.993,6

Fonte: Conab.

A colheita foi finalizada em todas as regiões produtoras, e a produção final foi aumentada, devido ao aumento da produtividade em Sergipe, para 2.993,6 milhões de toneladas, recorde na série histórica da Companhia.

OFERTA E DEMANDA

A Conab prevê uma colheita histórica de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,16 milhões de toneladas — o maior volume já registrado no país. Este desempenho expressivo é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e à expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,56 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume está consolidado em 1,8 milhão de toneladas, na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, atingiram 41,5 milhões de toneladas na mesma safra, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 12,69 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 7,2% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço será motivado por perspectivas, no momento de definição de área, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,7% na área plantada. Essa expansão é sustentada

pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 6% na produtividade deverá provocar uma redução de 3,5% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 138,45 milhões de toneladas, representando um recuo de 1,9% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado nível de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,4% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar uma leve redução em relação ao ciclo anterior.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.997,7	38.500,9	1.882,0
2024/25	1.882,0	141.157,6	1.845,8	144.885,4	90.564,8	41.631,5	12.689,1
2025/26	jan/26 fev/26	12.562,3 12.689,1	138.867,1 138.448,2	1.700,0 1.700,0	153.129,4 152.837,3	94.602,9 94.576,0	46.500,0 46.500,0
							12.026,5 11.761,3

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em fevereiro/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.434,4 mil ha

+2,3%

PRODUTIVIDADE

3.675 kg/ha

+1,5%

PRODUÇÃO

177.985 mil t

+3,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25	47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Jan./26	48.672,6	3.619
	Fev./26	48.434,4	3.675
			176.124,4
			177.985,0

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

As precipitações ocorridas, na primeira quinzena de janeiro, favoreceram as lavouras em todo o país, com exceção das regiões nordeste e noroeste do Pará e Maranhão, onde a irregularidade das precipitações atrasou o plantio nessas regiões. Na segunda quinzena houve regularização das chuvas nessas regiões, mas houve uma redução significativa das chuvas no sul do Mato Grosso do Sul, oeste do Paraná e Santa Catarina, e principalmente em grande parte do Rio Grande do Sul. Nesse estado, onde as lavouras apresentavam

ótimo desenvolvimento até a metade do mês, o impacto da estiagem já afetou o potencial produtivo da oleaginosa, entretanto as perdas ainda não foram contabilizadas.

A colheita já foi iniciada na maioria dos estados e, na primeira semana de fevereiro, alcançou 17,4% da área estimada de cultivo e está próxima da média histórica para o período. As precipitações frequentes, que ocorrem nas Regiões Centrais e no Norte do país, têm dificultado a retirada dos grãos do campo, mas ainda sem afetar, significativamente, a qualidade e quantidade de grãos. Em Mato Grosso, a colheita alcançou 46,8%, e as produtividades estão próximas das estimadas inicialmente. Nos demais estados ela foi iniciada pelas áreas irrigadas e avança nas áreas de sequeiro, devendo ter aumento significativo durante fevereiro.

A área cultivada de soja está estimada em 48.434,4 mil hectares, 2,3% superior ao da última safra, e a produção estimada foi elevada para 177.985 mil toneladas, 3,8% superior à da safra 2024/25. A possibilidade de novo recorde de produção nesta safra avança a cada levantamento.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o cenário meteorológico tem favorecido a cultura devido à combinação de precipitações abundantes com períodos de insolação e janelas de tempo estável, com radiação solar plena. Esse cenário tem permitido a dessecção e a retirada do grão com níveis de umidade adequados, apesar de perdas qualitativas pontuais. A operacionalidade da colheita mantém-se contínua devido à elevada capacidade de intervenção mecanizada dos produtores. Desse modo, a colheita tem avançado em âmbito estadual, permitindo a implantação subsequente de culturas de segunda safra.

Enquanto as áreas remanescentes encontram-se em estágios avançados de reprodução e maturação fisiológica, apresentando uniformidade e sanidade satisfatórias, as áreas já colhidas têm apresentado resultados satisfatórios a campo. Mesmo variedades precoces, atingidas por veranicos no início de seu ciclo, não apresentaram quedas tão acentuadas em seu rendimento. De modo geral, ainda que a produtividade média se situe abaixo da obtida na temporada passada, que foi caracterizada por um recorde, o desempenho é satisfatório, e a produtividade média não apresenta afastamento em relação à média histórica, reafirmando-se o bom potencial produtivo da safra. O ritmo de colheita intensifica gradativamente conforme os talhões atinjam o ponto de colheita, sem registro de gargalos técnicos significativos.

Rio Grande do Sul: o plantio no estado alcançou 99% da área prevista para o ciclo de 2025/26. O atraso da colheita do milho prolongou o calendário de plantio até 15 de fevereiro, quando a operação deve ser finalizada.

No período do levantamento das informações, de 19 a 23 de janeiro, as lavouras apresentavam boas condições, favorecidas pelo bom regime de chuvas que ocorreu desde 8 de dezembro. No início de janeiro, as chuvas passaram a ocorrer de forma mais localizada e com volumes menores, mas continuaram sendo suficientes para a manutenção do bom desenvolvimento das plantas.

Após o evento de chuvas que ocorreu entre 16 e 19 de janeiro, as chuvas escassearam, e janeiro encerra sob alerta, haja vista que as previsões de tempo indicam para poucos volumes acumulados nas próximas semanas, justamente em período de florescimento e enchimento de grãos de grande parte das lavouras.

No campo, ao final de janeiro, 23% da área prevista já estava no início do enchimento de grãos, 34% em florescimento e restavam 43% das áreas em

desenvolvimento vegetativo, com grande concentração de lavouras nas fases pré-florescimento.

Embora as condições gerais das lavouras e as condições climáticas possam ser consideradas boas, foi observado que componentes importantes do rendimento das lavouras ainda não foram definidos e que os agricultores realizaram menor investimento em insumos importantes, como sementes e fertilizantes, fazendo com que fosse mantida a estimativa inicial de produtividade: 3.129 kg/ha. Este volume, caso confirmado, representará o melhor resultado entre as últimas cinco safras.

Foi atualizada, novamente, a estimativa de área cultivada. A nova estimativa é de 6.836 mil hectares. A principal razão para a diminuição da estimativa é a dificuldade de muitos produtores para acessarem crédito, haja vista a descapitalização decorrente de seguidas frustrações nas safras passadas. Neste mês, também foi identificada redução das áreas cultivadas em sucessão ao milho, que atrasou a colheita, inviabilizando a semeadura em período adequado.

Em termos de estado, as quedas mais significativas nas estimativas de área cultivada em relação à safra passada são observadas na Depressão Central, Campanha e Fronteira Oeste. Estas regiões apresentam solos mais arenosos e foram as mais castigadas pelas estiagens que ocorreram em safras recentes, causando perdas significativas nas lavouras e prejudicando severamente a condição financeira dos produtores.

Paraná: a cultura no estado atravessou um janeiro de forte contraste hídrico em relação a dezembro, quando as chuvas mais regulares ainda sustentavam o potencial produtivo na maior parte do estado. Em janeiro, o estabelecimento de um bloqueio atmosférico trouxe temperaturas de até 38 °C e chuvas esparsas, castigando especialmente as lavouras do oeste e sudoeste que estão em fases

críticas de enchimento de grãos. Esse estresse térmico acelerou o ciclo de forma forçada.

Apesar do calor e da irregularidade das chuvas em janeiro, a cultura ainda sustenta um perfil fitossanitário majoritariamente positivo e com boas perspectivas de produtividade. A colheita foi iniciada e deverá acelerar em fevereiro.



Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: a colheita ainda é incipiente no estado, devendo se intensificar após a primeira quinzena de fevereiro. Após um início de janeiro com boas precipitações em todo o estado, a segunda quinzena do mês foi marcada pela irregularidade das chuvas em alguns municípios das regiões centro e sul do estado, com perdas de potencial produtivo em algumas áreas. A safra apresenta baixa pressão de pragas.

Com o avanço para as fases reprodutivas, o controle preventivo de percevejos também foi executado conforme o monitoramento. Além disso, vale ressaltar que houve relatos pontuais de ferrugem da soja, cercosporiose e míldio, sem que isso represente perdas produtivas, pois o programa de controle fúngico foi realizado de forma efetiva, resultando também em baixa incidência de doenças de final de ciclo. De maneira geral, o desenvolvimento da soja é considerado satisfatório na

maioria dos talhões, e as estimativas de produtividade foram aumentadas neste levantamento.

Goiás: a colheita avança nas áreas irrigadas por pivôs e já foi iniciada nas áreas de sequeiro. O regime de chuvas foi considerado satisfatório durante janeiro. Embora a nebulosidade tenha sido elevada, especialmente na região sudoeste do estado, a alternância entre períodos de sol e chuva durante o mês continuou sendo favorável ao bom desenvolvimento das lavouras. Grande parte delas ainda está na fase de enchimento de grãos, dependendo ainda de algumas precipitações para fecharem o ciclo com um bom potencial produtivo. As temperaturas altas no período noturno preocupam, no sentido em que podem repercutir em menor peso do grão.

Neste ano, de modo geral, a sanidade das lavouras em todo ciclo foi favorável, com uma menor carga de defensivos agrícolas sendo necessários. A maioria das lavouras de sequeiro estão na fase reprodutiva e variam de R5 a R7, com um final de ciclo com pouca incidência de pragas. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, com alto vigor e sem pressão de pragas e doenças, motivando um aumento na produtividade estimada neste levantamento.



Foto 12 - Soja - Enchimento de Grãos - Santa Helena de Goiás-GO

Fonte: Conab.

Foto 13 - Soja - Maturação - Rio Verde-GO



Fonte: Conab.

Minas Gerais: as precipitações de outubro e novembro, bem abaixo da média para o estado, comprometeram parte do desenvolvimento da leguminosa. A partir de dezembro, com o retorno de melhores volumes de chuva, a soja apresentou boa recuperação. É válido destacar que temos lavouras menores e com entrenós mais curtos em virtude dessa adversidade relatada, porém as plantas encontram-se com um número elevado de vagens, compensando parte do potencial produtivo. As lavouras irrigadas colhidas, até agora, apresentam excelentes produtividade, com rendimentos médios superiores a 4.000 kg/ha. Por outro lado, as primeiras lavouras de sequeiro que serão colhidas, foram aquelas mais afetadas pelo clima mais seco e terão rendimentos inferiores.

Produtores relatam incidência de mosca-branca nas lavouras, principalmente nas áreas de baixa altitude. Com clima favorável, os insetos se reproduzem mais rapidamente, mantendo a infestação sem tempo hábil para que as aplicações surtam efeitos. Também agravou essa situação os longos períodos chuvosos que foram registrados em janeiro, que culminou em atraso das pulverizações para controle de pragas e doenças. Durante a última semana o clima seguiu mais firme, permitindo os produtores colocarem em dia as operações em atraso. Em casos pontuais, já se trabalha com perda de potencial produtivo. No entanto, as condições climáticas bastante favoráveis estão compensando os danos

relatados, de maneira que o potencial produtivo segue praticamente constante.

Santa Catarina: as lavouras de soja apresentam condição variando de boa a regular, influenciadas pela ocorrência de chuvas. As semeadas mais precocemente encontram-se em maturação, com áreas já dessecadas e algumas colhidas. A maior parte das áreas permanece em fase de formação de grãos. Essa distribuição fenológica reflete a concentração do plantio em novembro devido às baixas temperaturas observadas anteriormente e ao atraso na colheita do trigo.

As condições climáticas ao longo do último mês foram variáveis, com chuvas regulares até meados de janeiro, seguidas por um período de aproximadamente duas semanas de deficit hídrico, o que interferiu negativamente no desenvolvimento das lavouras implantadas mais tarde. Em relação ao aspecto fitossanitário da soja, a situação permanece sob controle neste momento, com níveis de pragas e doenças dentro dos padrões esperados para a cultura. No entanto, observa-se aumento do risco de ocorrência de ferrugem asiática nas lavouras mais tardias, especialmente em razão do encerramento do manejo fitossanitário nas áreas mais precoces, já dessecadas ou colhidas, que passam a atuar como fonte de inóculo.

Diante desse cenário, intensificou-se o monitoramento das áreas em formação de grãos, principalmente nas regiões com maior umidade e histórico da doença.

São Paulo: as chuvas frequentes, alternadas com períodos de sol, vêm proporcionando ótimas condições para manifestação do potencial produtivo da soja, mesmo nas áreas que sofreram deficit hídrico durante o ciclo. A maioria das áreas se encontra em enchimento de grãos, mas boa parte já alcançou a maturação e algumas áreas já foram dessecadas.

Distrito Federal: neste levantamento foram observados vários estádios da cultura. Nas áreas irrigadas a soja está madura e cerca de 50% já foram colhidas. Nas áreas de sequeiro observa-se lavouras em estádio reprodutivo de R3 a R8. Algumas lavouras foram acometidas com mofo- branco que surgiram em reboleiras e estão sob controle até o momento. As precipitações ocorridas no mês favoreceram a cultura, e a produtividade está estimada em 3.960 kg/ha.

Bahia: as temperaturas permaneceram elevadas ao longo do mês, com máximas frequentemente superiores a 30 °C, e mínimas de 20 °C, caracterizando ambiente quente e com elevada demanda evaporativa. Em relação à precipitação, estas foram regulares e bem distribuídas, com o volume acumulado aproximando-se da média histórica para o mês, apesar do início com menores volumes e maior concentração a partir da segunda quinzena.

A colheita da soja irrigada foi iniciada, alcançando 20% da área e deve se estender até o fim de fevereiro. A regularidade das chuvas, ocorrida nos últimos dois meses, favoreceu o desenvolvimento das lavouras, que apresentam bom desempenho. O cenário atual exige monitoramento intensivo das áreas cultivadas. Há registros de percevejos, lagartas do gênero Spodoptera e incrementos pontuais na população de mosca-branca. As lavouras encontram-se em diferentes estágios fenológicos, incluindo floração, enchimento de grãos, maturação e colheita. As lavouras de sequeiro devem ter a colheita iniciada no fim de fevereiro.



Foto 14 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Correntina-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio da soja foi iniciado em outubro de 2025 e ocorrerá até meados de fevereiro de 2026. Em janeiro de 2026, a semeadura da soja ocorreu em todas as regiões do Maranhão. Até o final desse período, é esperado que o plantio atinja 92% da área total do estado.

As lavouras encontram-se em emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e maturação, e a colheita ocorre pontualmente em áreas irrigadas.

Na região sul do estado, o plantio da soja foi finalizado, com a ocorrência de chuvas que retornaram após o longo veranico. Devido à falta de chuvas, em média de 20 dias, em períodos sensíveis como floração e enchimento de grãos, parte das lavouras apresenta comprometimento no potencial produtivo.

No leste do estado houve atraso generalizado de dias sem plantio devido à irregularidade das chuvas. O plantio de soja está em andamento, em níveis diferentes, por município. Em grande parte da região, como nas áreas das regiões de Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense, o plantio foi iniciado apenas em janeiro e será finalizado em meados de fevereiro de 2026.

Da mesma forma, no centro e no oeste, o plantio de soja, iniciado com as primeiras chuvas ocorridas na segunda quinzena de dezembro, foi suspenso em diversas áreas em decorrência do veranico. A semeadura está em andamento, após o retorno das chuvas, devendo ser finalizada em fevereiro de 2026.

Em razão das condições agrometeorológicas já relatadas, a produtividade estimada no estado foi mantida.



Foto 15 - Soja - Floração - Balsas-MA

Fonte: Conab.

Piauí: o plantio foi finalizado no sudoeste do estado (cerrado) no final de dezembro, restando o plantio apenas de áreas pontuais no norte do estado no fim de janeiro. As áreas que foram semeadas no final do mês de outubro já se encontram em início de enchimento de grãos. As lavouras continuam se desenvolvendo em boas condições, na sua grande maioria, porém registrou-se deficit hídrico em algumas áreas nos municípios de Sebastião Leal e Uruçuí.

Tocantins: as chuvas em janeiro, mesmo com menores volumes acumulados que a média histórica, foram suficientes para propiciar boas condições para o desenvolvimento da cultura e para recuperação de áreas que passaram por algum estresse hídrico em dezembro.

Em Darcinópolis, no nordeste do estado, as lavouras estão em boas condições, e o

início da colheita será a partir da primeira quinzena de fevereiro, atrasada devido à demora na regularização das chuvas. Já no centro e oeste do estado, a colheita avança, e as produtividades obtidas superam as estimativas iniciais.



Foto 16 - Soja - Enchimento de grãos - Pedro Afonso-TO

Fonte: Conab.

Pará: a regularização das chuvas, a partir da segunda quinzena de janeiro, nos polos de Santarém e Paragominas, permitiu um grande avanço no plantio nessas regiões e alcançou 98% da área estimada para o estado no final do mês. As lavouras nessas regiões se encontram desde a emergência até o início do florescimento.

Nos polos da BR-163 e Redenção, localizados no sudoeste e sudeste do estado e que iniciam o plantio mais cedo, a colheita avança nas janelas de tempo aberto. As produtividades obtidas até o momento se encontram dentro das estimativas iniciais.

Rondônia: janeiro foi fortemente influenciado por um cenário de excesso de chuvas, com acumulados superiores a 400 mm em algumas regiões, o que trouxe desafios significativos para a realização de tratos culturais e aumento da pressão

de doenças.

A colheita avança em todas as regiões do estado, nos intervalos de tempo seco. Esse excesso de precipitações ocorridas durante o mês comprometeu a qualidade do grão em algumas áreas. Mesmo assim, o cenário geral das lavouras é considerado positivo.

Amazonas: em janeiro, a cultura encontrava-se em desenvolvimento vegetativo, sob influência de elevados volumes de precipitação, altas temperaturas médias e adequada umidade do solo. Até o momento, não foram observados impactos climáticos relevantes sobre o desenvolvimento da cultura no período analisado, mantendo-se as perspectivas dentro da normalidade para a safra.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26							
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
										MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
TO	Occidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
RS	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2024/25

Estimativa de grãos

As projeções de produção para a safra 2024/25 mantêm-se inalteradas. Contudo, a estimativa de consumo interno foi revista, registrando um acréscimo de 541 mil toneladas. Essa atualização deve-se à revisão de dados divulgados pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) e pela

Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE). Consequentemente, os estoques finais projetados para o final de 2025 foram ajustados em menos 541 mil toneladas, reduzindo-se de 10,73 milhões para 10,19 milhões de toneladas.

Estimativa de óleo de soja

Com a atualização dos dados pela ANP e pela ABIOVE, referente ao encerramento do ano de 2025, a demanda interna por óleo de soja foi ajustada para cima, com um aumento de 16 mil toneladas. Os estoques também foram elevados em 92 mil toneladas. Em decorrência disso, a estimativa de produção foi revista, sendo acrescida em 108 mil toneladas.

Estimativa de farelo de soja

Com o aumento do volume de esmagamento, a produção de farelo de soja foi elevada em 417 mil toneladas, o que resultou em um acréscimo equivalente nos estoques.

SAFRA 2025/26

Estimativa de grãos

A estimativa de produção para a safra 2025/26 foi revisada para cima, com um acréscimo de 1,81 milhão de toneladas, totalizando agora 177,98 milhões de toneladas. Em virtude desse aumento, as exportações também foram ajustadas, com um acréscimo de 399 mil toneladas, sendo agora estimadas em 112,18 milhões de toneladas.

A projeção de esmagamento foi igualmente revista, motivada pela atualização de dados da ANP e da ABIOVE. Assim, o volume processado foi elevado em 352 mil toneladas, atingindo 60,88 milhões de toneladas.

Em consequência dessas alterações, considerando os estoques iniciais, os estoques finais foram ajustados em 568 mil toneladas, passando a ser projetados em 11,86 milhões de toneladas.

Estimativa de óleo de soja

Com a atualização dos dados pela ANP e pela ABIOVE, referente ao encerramento do ano de 2025, foram realizados pequenos ajustes estatísticos na estimativa de produção de óleo de soja, com um aumento de 71 mil toneladas. Assim, a produção projetada para 2026 passa a ser de 12,23 milhões de toneladas. Além disso, houve um acréscimo na estimativa dos estoques finais de óleo de soja, com um aumento de 173 mil toneladas.

Estimativa de farelo de soja

O aumento na estimativa de esmagamento resultou em um acréscimo de 271 mil toneladas na produção de farelo de soja. Consequentemente, com o reforço nos estoques iniciais, os estoques finais também foram ajustados para cima, registrando um aumento de 688 mil toneladas.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.309,3	108.181,1	10.190,4
	2025/26	10.190,4	177.985,0	500,0	188.675,4	64.619,0	112.189,7	11.866,6
FARELO	2024/25	3.367,3	44.460,6	0,1	47.828,0	19.500,0	23.300,4	5.027,7
	2025/26	5.027,7	46.891,7	1,0	51.920,4	20.300,0	24.696,0	6.924,4
ÓLEO	2024/25	465,2	11.534,1	105,2	12.104,6	10.334,0	1.362,9	407,7
	2025/26	407,7	12.226,1	100,0	12.733,7	10.801,0	1.400,0	532,7

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em fevereiro/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.318,3 mil ha

- 5,2%

PRODUTIVIDADE

2.978 kg/ha

- 7,5%

PRODUÇÃO

6.904,8 mil t

- 12,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Jan./26	2.445,9	7.873,4
	Fev./26	2.318,3	6.904,8

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Com a confirmação da produção da safra 2025 de trigo, consolidou-se a base para as previsões iniciais de área e produtividade, mediante o auxílio de modelos estatísticos, acompanhada pela avaliação das tendências climáticas e de mercado.

A previsão inicial, para a safra 2026 de trigo, em que a semeadura, nos principais estados produtores, começa em meados de abril, é de redução das produtividades, uma vez que a safra passada resultou em excelentes

produtividades, especialmente na Região Sul. Para a expectativa de área plantada, o panorama nacional segue marcado por uma conjuntura de condições estaduais diversificadas e pela influência de fatores climáticos e mercadológicos, com tendência, novamente, de redução da área cultivada.

OFERTA E DEMANDA

A Região Sul permanece como principal polo produtor, respondendo por cerca de 85% da oferta estimada em 2026, com destaque para o Rio Grande do Sul, com 44% da produção nacional prevista, e o Paraná, com 35%, refletindo ainda os impactos da última safra e um ambiente de preços que desestimula a expansão mais agressiva de área nas demais regiões.

Em curto prazo, o mercado interno segue operando em ambiente de baixa fluidez e elevada seletividade, com negócios mais pontuais e fortemente condicionados à qualidade do grão. A indústria de moagem, que opera com estoques confortáveis, mantém postura defensiva, ainda lidando com dificuldades na saída de farinha e privilegiando lotes de melhor padrão, ao passo que o trigo de qualidade inferior disputa espaço com o milho na formulação de ração. O câmbio mais apreciado frente ao ano anterior atenua parte do repasse das altas externas, mas não neutraliza completamente o viés de sustentação nas paridades de importação, especialmente para trigos de maior valor agregado.

No cenário internacional, o relatório de janeiro do USDA aponta nova revisão altista para a produção mundial de trigo em 2025/26, que deve atingir recorde histórico, com incrementos relevantes em Argentina, Rússia e Brasil, ao mesmo tempo em que o consumo e o comércio globais também são ajustados para cima. Destaca-se a forte recuperação da Argentina,

favorecida por safra volumosa e redução permanente das alíquotas de imposto de exportação, o que sustenta a competitividade do trigo argentino no mercado internacional e leva à elevação da projeção de exportações para 16 milhões de toneladas no ciclo 2025/26, enquanto a União Europeia e Ucrânia perdem participação.

Esse quadro de ampla oferta global e exportadores agressivos mantém o mercado internacional abastecido, mas a combinação entre qualidade restrita em algumas origens, movimentos financeiros nas bolsas e incertezas climáticas sobre a próxima safra de inverno confere viés de preços mais firmes, com reflexos sobre as paridades de importação e sobre a formação de preços no Brasil.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.028,3	940,1
2022	940,1	10.554,4	4.514,2	16.008,7	11.894,1	2.654,0	1.460,6
2023	1.460,6	8.096,8	5.699,8	15.257,2	11.943,6	2.791,0	522,6
2024	522,6	7.889,3	6.822,2	15.234,1	11.890,6	1.872,7	1.470,8
2025*	1.470,8	7.873,4	6.820,6	16.164,8	11.890,6	1.960,1	2.314,1
2026**	2.314,1	6.904,8	6.715,5	15.934,4	11.812,7	2.012,2	2.109,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/26.

* Estimativa.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso do Sul: com exceção da região norte do estado, onde as precipitações só se regularizaram após o primeiro decêndio de janeiro, as demais regiões apresentaram condições climáticas favoráveis e chuvas bem distribuídas. Os acumulados variaram entre 50 mm e 120 mm, favorecendo o enchimento de grãos e florescimento das lavouras mais atrasadas.

De maneira geral, as condições das lavouras são consideradas boas, com alguns talhões na região leste, de forma isolada, recorrendo a correções nutricionais devido ao período de chuvas abundantes que, consequentemente, resultaram no processo de lixiviação.

Com relação ao controle fitossanitário, o manejo preventivo tem sido realizado nas lavouras do amendoim, com destaque para tripes e complexo de lagartas – *Spodoptera sp* e *Stegasta Bosquella* - que têm sido relatadas com maior incidência nas lavouras, permanecendo como foco de monitoramento devido ao potencial de danos às lavouras. Além disso, como na safra anterior, os produtores seguem realizando os preventivos para controle da pinta-preta e cercosporiose, onde houve incidência dessas em algumas lavouras do estado.

Paraná: a cultura se concentra no noroeste do estado, ali, o clima de janeiro de 2026 foi marcado pela formação de uma crosta superficial no solo devido à irregularidade das chuvas e à alta evapotranspiração. Esse endurecimento

da camada superficial dificulta fisicamente a entrada dos ginóforos no solo, prejudicando a formação das vagens. O calor extremo, registrado no mês, acelera o metabolismo da planta e reduz o período de enchimento dos frutos, comprometendo o potencial produtivo.

A cultura já está em fases reprodutivas, desde lavouras em floração até a maturação.

A área teve considerável redução nesta safra em comparação ao ano passado, especificamente na região de Paranavaí, anteriormente a maior produtora, segundo informações, devido a um grande produtor que migrou para a soja, em razão das melhores condições comerciais, preço e mercado da soja. As lavouras têm alguma alteração em suas condições, estimadas como boas em 99% da área plantada e 1% regulares, reflexo da menor disponibilidade de água no solo em setembro e do excesso de chuvas em novembro.

Minas Gerais: as lavouras estão em fase reprodutiva, com a maior parte delas no estádio de enchimento de grãos.

As chuvas das últimas semanas têm favorecido o bom desenvolvimento da cultura e mantendo elevada a expectativa de produtividade das lavouras.

São Paulo: as lavouras estão todas implantadas, visto que a grande maioria é manejada sob o regime de sequeiro.

Atualmente, a cultura encontra-se em diversas fases de desenvolvimento, com lavouras em excelentes edafoclimáticas e fitossanitárias, favorecidas pelas boas condições climáticas registradas na maior parte desse ciclo.

Quanto à área, há uma levea redução em comparação com a safra passada, principalmente com substituição de cultivo por soja.

O amendoim vem se mantendo tradicionalmente na região norte em rotação com a cana-de-açúcar, mas na atualidade a leguminosa apresenta expressivo avanço na região da Alta Paulista, encontrando ali muitas exportadoras, como também cooperativas que se incumbem em apoiar os produtores durante todo o ciclo da cultura, desde o plantio até a comercialização.

Tocantins: O mês de janeiro de 2026 teve menor acumulado pluviométrico em relação a 2025, ainda assim, as condições foram suficientes para permitir um bom desenvolvimento da cultura e viabilizar os tratos culturais que têm sido feito nesse momento do ciclo fenológico, inclusive com aplicação de fungicida e adubação foliar (Boro).

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda - Condição hídrica									
		Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Produção* %	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
SP	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura se deu entre julho e agosto, e a colheita, que iniciou em dezembro, já chega aos 95% da área cultivada. A safra 2025/26 de girassol do estado se aproxima do final. As áreas por colher, 5%, estão em maturação, localizadas na Fronteira Oeste e no sul do estado e devem ser colhidas no próximo mês.

Janeiro de 2026 foi seco, excelente para continuidade da colheita da cultura do girassol no Rio Grande do Sul. A produtividade da cultura foi definida nos meses anteriores, quando as condições meteorológicas apresentaram chuvas regulares e boa insolação, garantindo boas condições para a formação do capítulo, floração, enchimento de grãos e maturação.

Algumas chuvas mais volumosas, ocorridas no fim de dezembro, impactaram o rendimento industrial da produção que, em contrapartida, o grão entregue às beneficiadores é de muito boa qualidade e bom teor oleico.

Nesta safra, a área cultivada se confirma em 6 mil hectares, um incremento de 46,3% em relação à safra passada. O aumento foi viabilizado pela disponibilidade de sementes nesta safra, que foi deficitária na safra 2024/25, bem como pelo histórico de bons resultados nas últimas safras e por permitir o cultivo de uma terceira safra (safrinha).

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento do cultivo devido ao menor risco de perda nos períodos de estiagem e acréscimo das áreas de cultivo irrigado de inverno na região oeste, e espera-se também alta na produtividade, adotando valores calculados conforme a média produtiva das últimas safras.

Durante janeiro de 2026, as condições climáticas foram compatíveis com o padrão sazonal do período chuvoso do semiárido baiano. As temperaturas permaneceram elevadas ao longo do mês, típicas do verão, com valores médios estimados entre 20 °C e 31 °C, registrando-se máximas diárias próximas a 31 °C e mínimas em torno de 20 °C, sem ocorrência de extremos térmicos relevantes. Em relação à precipitação, esta se deu de forma irregular, bem distribuída nas microrregiões de Irecê e Seabra e escassa nas microrregiões de Jacobina, Senhor do Bonfim, Juazeiro e Itaberaba.

O plantio avança e deve ser finalizado até o fim de fevereiro. Observa-se redução das lavouras de segunda safra, em decorrência do longo período sem precipitações em 2025, cerca de cinco meses, o que resultou em maior área de renovação de lavouras. As lavouras em campo encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo a semeadura, emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e colheita. As irregularidades climáticas observada na região não afetaram significativamente as lavouras de mamona, isso se deve à alta capacidade de tolerância ao estresse hídrico. No oeste, o plantio está previsto para março de 2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

Assim como o trigo, as previsões iniciais das culturas de inverno são baseadas em modelos estatísticos, associadas às previsões climáticas e informações preliminares, por meio da nossa rede de colaboradores.

Conforme a semeadura avança, as informações de área podem ser atualizadas e, no momento em que as culturas apresentem condições de se estimar a produtividade em campo, de acordo com as fases fenológicas, atualizações de produtividade podem acontecer.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

